

**UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU – FURB
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO, ARTES E LETRAS - CCEAL
LICENCIATURA EM DANÇA**

SANDY SILVEIRA

**DANÇA E INFÂNCIA: EXPERIÊNCIA DE ENSINO E APRENDIZAGEM EM
ESPAÇOS FORMAIS**

BLUMENAU

2021

SANDY SILVEIRA

**DANÇA E INFÂNCIA: EXPERIÊNCIA DE ENSINO E APRENDIZAGEM EM
ESPAÇOS FORMAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Dança da Universidade Regional de
Blumenau como requisito parcial para a obtenção
do título de Licenciado em Dança.

Orientador: Prof. Me. Caroline Carvalho

BLUMENAU

2021

SANDY SILVEIRA

**DANÇA E INFÂNCIA: EXPERIÊNCIA DE ENSINO E APRENDIZAGEM EM
ESPAÇOS FORMAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Dança da Universidade Regional de
Blumenau como requisito parcial para a obtenção
do título de Licenciado em Dança.

Orientador: Prof. Ma. Caroline Carvalho

SANDY SILVEIRA

DANÇA E INFÂNCIA: EXPERIÊNCIA DE ENSINO E APRENDIZAGEM EM
ESPAÇOS FORMAIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Dança da Universidade Regional de
Blumenau como requisito parcial para a obtenção
do título de Licenciado em Dança.

Orientador: Proff. Ma. Caroline Carvalho

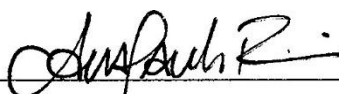
Aprovado em: OS / O? / 2021.



Presidente: Proe. Ma. Caroline Carvalho, - Orientadora, Universidade Regional de
Blumenau



Membro: Prof. Dr. Marco Aurelio da Cruz Souza - Universidade Regional de Blumenau



Membro: Prof^a Ma. Ana Paula Evaris o Russi - Universidade Regional de Blumenau

As minhas duas mães Bebell e Ondina que me fazem acreditar em
todos os meus sonhos como sendo possíveis.
Ao meu amado irmão Thallys Lucas que me ensinou sobre como amar
com plenitude até o seu último suspiro.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar gostaria de agradecer a minha família por sempre me oferecerem o suporte e apoio necessário, bem como ao meu companheiro Jhonata que sempre me incentivou acreditando e potencializando meu trabalho, a minha querida avó Ondina, por enxergar todo este universo acadêmico como sendo mágico me tendo como protagonista em sua história, a minha amada mãe Bebel, que mesmo diante de tamanhos desafios nunca mediu esforços para que eu pudesse ter chego até aqui, e aos meus irmãos Thallys e Rian Lucas que tanto amo e tanto me inspiram . Agradeço também a minha família universitária, por sempre terem me acolhido com afeto, sensibilidade e empatia, assim como os meus professores que contribuíram em meu percurso nesta trajetória, em especial a professora Jussara Xavier e o professor Marco Aurelio. Finalizo agradecendo a minha querida orientadora Caroline Carvalho, que tanto me incentivou, apoiou e acreditou em minha pesquisa. Graças a vocês hoje realizo um sonho do qual almejo desde criança, muito obrigado a cada um, sem vocês nada disso seria possível. Esta vitória é nossa!

“Você já observou um ninho de passarinho? Chega um tempo em que os filhotes saem para explorar o mundo à sua volta. É o tempo de enfrentar o medo do desconhecido e partir para as descobertas que os fortalecem.”

Caroline Carvalho

RESUMO

Pesquisas acadêmicas focadas na educação da criança, apontam inúmeras expectativas projetadas pela sociedade sobre estas. Em um primeiro momento este parece ser um cenário positivo, pois a infância e a criança tornaram-se foco de atenção e prioridade nos estudos sociais e ações governamentais ao longo do tempo. No entanto, é importante conhecermos como esses processos de valorizações foram edificados. Neste sentido, esta pesquisa aponta estas mudanças construídas com o passar dos anos, e problematiza questões que continuam necessitando de atenção, identificando o marco desta fase atual da educação infantil, que apresenta contradições existente entre teoria e prática, a partir de leituras em ARIÉS (1973). Entendendo que a prática educacional é dependente diretamente de condições socioeconômicas e dos contextos em que as crianças se inserem. Sabendo que o ambiente de escolarização infantil por vezes é o primeiro local de inserção de uma criança para além do que ela já vem se habituando, que é o seu lar em conjunto com sua família, compreende-se que está vivencia várias mudanças num mesmo momento, e a pesquisa em questão aponta como exemplo, um novo cumprimento de rotinas; a rotina escolas. O reflexo deste mecanismo escolar construído e percebido como uma ação naturalizada, faz com que as crianças acabem que por se acostumarem a manter seus corpos inertes por longos espaços de tempo, a partir dos estudos de Ana Mae Barbosa (2008) e Silva (2016) . Contudo, o presente estudo propõe a utilização da comunicação não verbal – linguagem corporal - como ferramenta facilitadora do processo de aprendizagem das crianças pequenas, oferecendo e defendendo a dança como utensilio metodológico agregador, sendo compreendida como uma grande aliada no que diz respeito a preocupação com o desenvolvimento da criança,

buscando valorar toda a evolução deste contexto, aproveitando as novas oportunidades educacionais oferecidas. O presente estudo exploratório efetiva-se po meio de uma pesquisa qualitativa, que oportuniza análises de dados junto das professoras da rede de ensino infantil, com o enfoque voltado a oportunizar costurar os possíveis dialogos entre teoria e prática deste contexto.

PALAVRAS-CHAVE: INFÂNCIA. DANÇA . ENSINO. EDUCAÇÃO INFANTIL.

RESUMO EM LÍNGUA ESTRANGEIRA

Academic research focused on child education points to numerous expectations projected by society on these. At first, this seems to be a positive scenario, as childhood and children have become the focus of attention and priority in social studies and government actions over time. However, it is important for us to know how these valuation processes were built. In this sense, this research points out these changes built over the years, and problematizes issues that continue to need attention, identifying the mark of this current phase of early childhood education, which presents contradictions between theory and practice, based on readings in ARIÉS (1973). Understanding that educational practice is directly dependent on socioeconomic conditions and the contexts in which children are inserted. Knowing that the childhood school environment is sometimes the first place of insertion of a child beyond what they have already become accustomed to, which is their home together with their family, it is understood that they are experiencing several changes at the same time. , and the research in question points to, as an example, a new fulfillment of routines; the schools routine. The reflection of this school mechanism built and perceived as a naturalized action, makes children end up getting used to keeping their bodies inert for long periods of time, based on the studies of Ana Mae Barbosa (2008) and Silva (2016) . However, this study proposes the use of non-verbal communication - body language - as a tool to facilitate the learning process of young children, offering and defending dance as an aggregating methodological tool, being understood as a great ally with regard to the concern with the child's development, seeking to value the entire evolution of this context, taking advantage of the new educational opportunities offered. This exploratory study is carried out through a qualitative research, which provides opportunities for data analysis with teachers in the early childhood education network, with the focus aimed at creating opportunities to sew possible dialogues between theory and practice in this context.

Keywords: Childhood. Dance . Teaching. Child education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Respostas ao Questionário	29
Quadro 1 – Questões das entrevistas	38

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PEBA Pesquisa Educacional Baseada em Arte

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	PARA UM REFERENCIAL DE INFÂNCIA E DANÇA	14
2.1	IDÊNTIDADES DA INFÂNCIA	14
2.2	AMBIENTE DE ESCOLARIZAÇÃO INFANTIL E O CUMPRIMENTO DE ROTINAS	16
2.3	DIFERENTES FORMAS DE LINGUAGENS: EXPRESSIVAS E COMUNICATIVAS	20
2.4	O CORPO INFANTIL EM MOVIMENTO: A LINGUAGEM DA CRIANÇA..	22
3	METODOLOGIA.....	25
4	O OLHAR DOCENTE SOBRE A DANÇA: A ANÁLISE DE DADOS	28
4.1	A VOZ DO EDUCADOR INFANTIL EM PROCESSO DE ANÁLISE	28
2.1	COMO A DANÇA É COMPREENDIDA A PARTIR DAS PROFESSORAS ENTREVISTADAS.....	37
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
	REFERÊNCIAS.....	45
	APÊNDICE A – RESPOSTAS DAS PROFESSORAS AO QUESTIONÁRIO	48

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, percebeu-se que houve uma mudança significativa no que diz respeito a uma atenção social que se volta para a educação, para as práticas pedagógicas e seus métodos de ensino e aprendizagem, sobretudo ao que tange a educação infantil. É possível afirmar que a docência atual se mostra interessada em ressignificar posturas docentes, determinadas práticas de ensino vêm se mostrando ultrapassadas, quando levadas em consideração ao contexto em que se insere, e as necessidades específicas da atualidade. É possível encontrar inúmeras pesquisas que focam suas investigações em oportunizar meios de ressignificações, seja em posturas docentes e/ou novas propostas e métodos de ensino. - Rosana Mara KOERNER – Doutora em Linguística Aplicada pela UNICAMP, Professora na Universidade da Região de Joinville: Ressignificando práticas pedagógicas no contexto da escola pública: o saber e o fazer dos professores das séries iniciais - Vitor Malaggi; Karina Marcon e Adriano Canabarro Teixeira: RESSIGNIFICAÇÃO DOS PAPÉIS DE PROFESSORES -

No entanto, percebe-se também que o ambiente educacional, embora tenha recebido mais atenção em suas particularidades, necessita estar rotineiramente reinventando-se para conseguir se capacitar a atender as demandas e necessidades da realidade de ensino em que se encontra na atualidade.

Desta maneira, esta pesquisa em questão, busca apresentar a arte, através da linguagem da dança, como um meio facilitador, contribuinte e auxiliador no desenvolvimento, através de uma construção de saberes eficaz e significativa para os discentes. Nesta investigação em específico, o foco central se volta para o ambiente de escolarização infantil, no contexto específico dos Centros de Educação Infantil, do qual assim como a educação em um contexto geral, enfrentou e continua enfrentando mudanças constantes. Deste modo, visou-se dar voz para este espaço de modo empático, levando em consideração as dificuldades contidas nesta fase escolar por parte docente, bem como de suas crianças, de maneira a ponderar as mudanças e os desafios que os acompanham.

A arte dançante nesta pesquisa, se apresenta como um método de ensino que ultrapassa as expectativas antigas geradas sobre ela, que por anos se auto sabota ao restringir-se apenas como uma prática de mera transmissão e reprodução de movimentos de forma tecnicista. Entretanto, assim como vem acontecendo com a educação, os praticantes desta, encontram meios de se reinventar e de se redescobrir como espaço de experiência de ensino capaz de significar o desenvolvimento de seus alunos. A dança aqui se apresenta como uma prática educacional, que caminha para além da ideia estereotipada sobre ela, de aprendizagem

exclusiva em escolas especializadas, sendo capaz de se edificar enquanto contribuinte do desenvolvimento educacional no espaço escolarizado.

De posse de tais perspectivas a pesquisa teve como tema:

**A DANÇA NO
ESPAÇO DA
EDUCAÇÃO
INFANTIL A
PARTIR DO
OLHAR DAS
PROFESSORAS**

Para que se possa realizar diálogo com o tema, tem-se como questão problema:

**OS DOCENTES DA EDUCAÇÃO INFANTIL CONSIDERAM A IMPORTÂNCIA
DE APRENDIZADOS SIGNIFICATIVOS, A PARTIR DA LINGUAGEM DA
DANÇA?**

A partir de tal questão problema delimitam-se os objetivos:

Objetivo Geral: Investigar experiências de ensino e aprendizagem da infância em contato com a dança em espaços formais.

Objetivos específicos:

- Descrever, compreender e articular as três identidades de infância de acordo com os estudos de Phillip Ariés e Franco Frabboni, conectando estes saberes ao universo da dança.
- Identificar posturas docentes que levem em consideração as necessidades de aprendizagem das crianças, especialmente no campo da dança.
- Distinguir metodologias da prática dançante que dispõem o aluno como foco da aula e dos processos de ensino e aprendizagem.
- Compreender a dança como uma prática capaz de contribuir no desenvolvimento da criança.

Esta investigação se dá a partir do interesse em contribuir na resolução de desafios específicos enfrentados por educadoras infantis, de modo a objetivar a contribuição da linguagem não verbal como meio de comunicação entre discente e docente, que visa estabelecer um relacionamento profissional que se dispõe de uma horizontalidade, na qual o professor se interessa pela bagagem que o aluno traz consigo, utilizando-a como agente que contribui na

construção de conhecimentos. Tal pesquisa, de cunho qualitativo, aborda entrevistas e respostas de questionários disponibilizados a docentes infantis, de modo a aproximar-se o máximo possível da realidade prática, não baseando apenas em teorias, mas sim interligando-as.

Pretende-se por meio desta pesquisa, contribuir de alguma maneira com aqueles que se preocupam com o fazer pedagógico e com o desenvolvimento das crianças ao compreendê-las como seres singulares e específicos, dos quais não devem ser encaixados em rótulos que os coloquem dentro de uma padronização, mas que utilize das diferenças e particularidades como meio de oportunizar e significar um ensino mais humano e sensível, que oportuniza a aprendizagem através da experiência.

Contudo, o presente estudo apresenta bibliografias que focam seus estudos nas mudanças educacionais e suas possíveis relações com a arte, de modo a visar o encontro de meios que edifiquem essas mudanças presentes nas teorias educacionais bem como na prática. Para tal organizou-se um referencial teórico a cerca das identidades da infância, o ambiente escolarizado infantil, as rotinas presentes neste espaço, as formas de linguagem expressivas e comunicativas, o corpo infantil e a linguagem da infância. Apresenta-se ainda a metodologia, as formas de coleta de dados e sua análise.

3 PARA UM REFERENCIAL DE INFÂNCIA E DANÇA

Para que possamos compreender os interstícios desta pesquisa, neste capítulo buscaremos dialogar com um referencial teórico que nos auxilie a discutir o espaço e o desenvolvimento da infância, qual a sua relação com o espaço da educação infantil e o lugar da Dança quanto produtora de significados e aprendizados.

3.1 IDENTIDADES DA INFÂNCIA

Pesquisas acadêmicas focadas na educação da criança, tem apontado inúmeras expectativas projetadas pela sociedade. Em um primeiro momento este parece ser um cenário positivo, pois a infância e a criança tornaram-se foco de atenção e prioridade nos estudos sociais e ações governamentais ao longo do tempo. No entanto, é importante conhecermos como esse processo de valorização foi edificado, já que esta não foi uma condição que existiu desde sempre, mas que se construiu com o passar dos anos. Neste sentido, pretendemos analisar quais foram os reflexos que perduraram com as ressignificações deste contexto.

Para adentrarmos na ideia de infância, nos embasamos nas pesquisas feitas pelo historiador francês Phellipe Ariés (1914-1984), que por sua vez investigou os estudos do pedagogo italiano Franco Frabboni que subdividiu o conceito de infância em três identidades: 1) a infância negada, 2) a infância industrializada e 3) a infância de direitos (ARIÉS, 1973). Vamos neste instante discorrer sobre cada uma delas.

Segundo Ariés (1973), a infância negada ocorre na idade média, fato atestado pela arte, a qual desconhecia a infância e representava as crianças como miniaturização, ou seja, as crianças eram concebidas como mini adultos e frequentemente retratadas de mãos dadas a imagens que simbolizavam a morte, em alusão a alta taxa de mortalidade infantil. Nesta época, a durabilidade da infância era atribuída somente a fase mais frágil da criança, onde ela se encontrava totalmente dependente de outrem, momento este nomeado por Ariés como “paparicação”. De acordo com ARIÉS (1973, p. 10): “As pessoas se divertiam com a criança pequena como um animalzinho, um macaquinho impudico”. No entanto, não havia qualquer tipo de laço afetivo com as crianças. A alta mortalidade infantil resultava das condições sanitárias precárias da idade média, dentre estas incluindo pouca instrução no que diz respeito a importância da higienização. Ariés explica que, se,

[...] a criança morresse então, como muitas vezes acontecia, alguns podiam ficar desolados, mas a regra geral era não fazer muito caso, pois uma outra criança logo a substituiria. A criança não chegava a sair de uma espécie de anonimato. (ARIÉS, 1973, p.10)

Por volta dos sete anos de idade, quando e se a criança conseguisse sobreviver, ela passava a ser introduzida imediatamente a vida adulta, para que junto aos mais velhos aprendesse uma profissão. Neste momento, a escola estava reservada exclusivamente para a formação dos clérigos¹. É importante destacar ainda, que neste período histórico, não havia termos que fossem exclusivos para as crianças, o próprio conceito “criança” já chegou a ser usado para a designação de soldados. O foco da atenção dos pais em relação a criação dos filhos voltava-se para uma perspectiva futura: o cuidado dos pais em idade avançada (ARIÉS, 1973).

Dando continuidade, adentramos agora nos séculos XVI e XVII em diante nos aproximando da segunda identidade da infância titulada como infância industrializada. As mudanças que essa segunda identidade apresenta, iniciam no decorrer de uma lenta e gradual ressignificação das posturas dos líderes religiosos e educadores para com as crianças. Muito da maneira como as crianças eram conduzidas até então, passou a não ser mais aceito por estes mencionados. Neste momento, surge um tímido início de percepção no que diz respeito a fragilidade e pureza da criança.

Os moralistas² que surgiram por volta do século XVI foram quem enfatizaram o discurso da pureza infantil; pela primeira vez, havia um público preocupado e interessado com o psicológico infantil. As escolas começam abrir espaços para instrução e escolarização das crianças, ressignificando a postura do contato direto dela para com o mundo adulto, oferecendo-lhe agora um preparo para a inserção da fase madura que chegaria posteriormente. (ARIÉS, 1973) “os pais se interessavam pelos estudos de seus filhos e os acompanhavam com uma solicitude habitual”.

No século XVIII aconteceram dois fatores que foram decisivos para o fortalecimento da ideia de infância, sendo estes:

1) A revolução industrial que formou a família moderna: com o advento das indústrias criaram-se dois espaços, a casa onde fica a família e a indústria onde fica o trabalho. Quando estes espaços passaram a ser dissipados, a manifestação do sentimento de afeto passou a se edificar e a criança passa a ser vista como filho.

¹ Clérigos regulares ou clérigos religiosos é um termo que designa os padres católicos ("clérigos") que são também membros de alguma ordem religiosa ("regulares", um termo que significa "seguidor da regra" da ordem).

² Os moralistas franceses são um grupo heterogêneo de pensadores franceses dos séculos XVII e XVIII. Trata-se de uma corrente que surge com Montaigne (1533-1592) e que culmina com o Iluminismo.

2) A popularização da leitura: com a difusão da máquina tipográfica a sociedade passou a ser dividida em dois grupos: os que sabem ler e os que não sabem. E com o passar dos anos, estes dois grupos tornaram-se muito característicos, sendo estes: os mais velhos e os mais novos. A necessidade de ensinar os mais novos a ler, e a preocupação moral devido a pureza dos mais novos, ocasionaram na expansão do número de crianças nas escolas.

Nesse contexto as escolas passaram a seguir uma doutrina bem específica: conhecer para corrigir, a vigilância e os castigos físicos tornaram-se as principais características desse sistema, entretanto, com o passar dos anos as famílias começaram a denominar este comportamento de castigo como sendo extremo, o que ocasionou na difusão de diferentes e contrastantes métodos de ensino, que até hoje de certa forma refletem em nossa educação (ARIÉS, 1973).

Na terceira e última identidade, a criança passa a ser compreendida como um participante de direitos e recai sobre a ela a ideia de proteção, onde ocorre uma readaptação do mundo adulto para comportar a criança e sua infância, de modo que passam a valorar seus processos de desenvolvimentos. Esta fase é extremamente marcada pelas chamadas novas ciências: a pedagogia, a psicologia e a psicanálise. Essas novas ciências demonstraram em suas pesquisas, que oferecer uma qualidade de infância e não apenas compreender a existência da criança, é essencial para o desenvolvimento humano.

A escolarização toma outro rumo, e passa a se compreender a voracidade cognitiva das crianças ao identificar vossa vontade de aprender, de brincar e explorar. O estado passa a ter como obrigação o fornecimento de escolas, e os pais por sua vez passam a ter leis que os monitoram, assegurando que seus filhos estejam dentro do ambiente escolar. Os castigos físicos passam a ser proibidos, e o objetivo de aprendizagem além da formação acadêmica e científica do jovem, é também a formação psicológica e cidadã da criança (ARIÉS, 1973). No entanto, o que mais marca essa nova fase atual da infância é a contradição existente entre teoria e prática, enquanto na teoria tudo parece funcionar no contexto educacional, a prática além de ser dependente diretamente da condição socioeconômica e do contexto em qual a criança se insere, deixa em aberto outras questões que vamos discutir no decorrer deste texto.

3.2 AMBIENTE DE ESCOLARIZAÇÃO INFANTIL E O CUMPRIMENTO DE ROTINAS

Ao passo que vimos as mudanças que ocorreram no contexto infantil, devemos frisar que estas necessitam ser constantes. Existem muitas melhorias que seríamos capazes de alcançar e atribuir aos nossos pequenos, se passássemos a considerar estas circunstâncias de

modo mais atencioso, buscando encontrar aspectos que necessitam serem (re)pensados. Me basearei neste instante nas minhas experiências vivenciadas neste contexto.

A educação infantil, possui uma característica muito específica no que se refere a cumprimento de rotinas. É verdade que nesse primeiro contato da criança para com um novo espaço, o ambiente de escolarização infantil, a rotina se apresenta como um meio facilitador, já que segundo o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI):

A rotina representa, também, a estrutura sobre a qual será organizado o tempo didático, ou seja, o tempo de trabalho educativo realizado com as crianças. A rotina deve envolver os cuidados, as brincadeiras e a situações de aprendizagens orientadas. (BRASIL, V.1, 1998, p.54)

E conforme nos aponta PROENÇA (2004, p.13):

A rotina estruturante é como uma âncora do dia-a-dia, capaz de estruturar o cotidiano por representar para a criança e para os professores uma fonte de segurança e de previsão do que vai acontecer. Ela norteia, organiza e orienta o grupo no espaço escolar, diminuindo a ansiedade a respeito do que é imprevisível ou desconhecido e otimizando o tempo disponível do grupo. É um exercício disciplinar a construção da rotina do grupo, que envolve prioridades, opções, adequações às necessidades e dosagem das atividades. A associação da palavra âncora ao conceito de rotina pretende representar a base sobre a qual o professor se alicerça para poder prosseguir com o trabalho pedagógico.

Sabemos que o ambiente de escolarização infantil por vezes é o primeiro local de inserção de uma criança para além do que ela já vem se habituando, que é o seu lar em conjunto com sua família. Nesta ocasião, a criança se encontra vivenciando várias mudanças num mesmo momento, como o de ficar longe de seus pais, em um novo espaço e com novas pessoas. A rotina, inicialmente se apresenta como uma maneira de trazer segurança para a criança, de modo que ela possa se familiarizar com o que vai acontecer no seu dia sem essa sensação assustadora de imprevisão, fazendo com que esse novo espaço se torne menos invasivo possível. Essa segurança de saber o que vai acontecer, automaticamente estimula a autonomia da criança, já que ela entende que depois de tal tarefa ela sabe o que há de vir, tranquilizando-a sobre o que vai acontecer em seu dia-a-dia.

No entanto, por vezes no ambiente escolar, nos encontramos completamente, segundo Lima e Saraiva,

envolvidos/as na lógica de produção capitalista. Preocupamo-nos mais com o cumprimento das rotinas (hora de lanchar, hora do parque, hora da educação física, hora de almoçar, hora de dormir, etc.). Fazemos isso mecanicamente, como se estivéssemos dentro de uma linha de produção de uma grande indústria; os/as adultos/as e as crianças vão obedecendo a essa lógica tornando essas rotinas quase que naturalizadas. Dentro dessa lógica não temos tempo a perder, muito menos espaços para a experiência. (LIMA; SARAIVA, 2012, p.4)

Nessa situação, o que ocorre é o empobrecimento das atividades pedagógicas, já que a função do docente fica completamente voltada para o “momento de”, alimentar, realizar a higienização, idas ao parque, trocas de roupas, entre outros. A ação pedagógica que deveria ser o alicerce destas rotinas, apresenta-se apenas como o cumprimento de outra regra, ofuscando a riqueza do desenvolvimento infantil que pode e deve ser mediada a partir de. Compreendo que ao invés de dissipar estes momentos, deveríamos costurá-los. Segundo Batista (1998, p. 46-47):

A lógica da rotina da creche também parece ser fragmentada, pois separa o tempo de educar, do tempo de cuidar, do tempo de brincar, do tempo de aprender, do tempo de ensinar, entre outras. O tempo na creche parece ser recortado minuciosamente: há um tempo predeterminado para “todos” comer na mesma hora, banhar na mesma hora, dormir na mesma hora, brincar e aprender. Parece ser possível dizer que esta organização, antes de estar centrada nas necessidades das crianças, obedece a uma lógica temporal regida basicamente pela sequenciação hierárquica e burocrática da rotina.

É importante apostar que essa construção de rotina, pode estar para muito além do que somente o cumprimento dela, e que este recorte de afazeres é dispensável. A educação infantil, por si só já oferece um mundo de possibilidades, vai do interesse do professor querer ou não tornar esses momentos mais atrativos, instigantes e eficazes. O que pode ser apenas a “momento de”, é capaz de transformar-se em constantes descobertas. A ação pedagógica não precisa e não deve ser dissipada das outras ações rotineiras. Por exemplo, por que o momento de escovação dentária não pode se tornar em uma viagem de descobertas? Porque a mecanização do momento de alimentar-se, não pode se transformar na exploração de tudo aquilo que permeia as curiosidades das crianças sobre o que irão comer?

A escolarização infantil nos oferece inúmeras oportunidades e as crianças esbanjam interesses, o que ocorre, é que devemos nos atentar a estes sinais e aproveitá-los das melhores maneiras possíveis. Santos (2001, p. 98-99) comenta que o educador, deve exercer várias funções:

A primeira delas é a função de ‘observador’, na qual o professor procura intervir o mínimo possível, de maneira a garantir a segurança e o direito à livre manifestação de todos. A segunda função é a de ‘catalisador’, procurando, através da observação, descobrir necessidades, e os desejos implícitos na brincadeira para poder enriquecer o desenrolar de tal atividade. E, finalmente, de ‘participante ativo’ nas brincadeiras, atuando como um mediador das relações que se estabelecem e das situações surgidas, em proveito do desenvolvimento saudável e prazeroso da criança.

Podemos neste momento refletir sobre cada uma destas funções mencionadas por Santos para melhor compreendê-las:

1) Observar: quando o professor é um bom observador, ele pode ser capaz de distinguir as especificidades de cada crianças a partir de suas individualidades. Embora a mecanização

presente dentro das instituições escolares busque padronizar as crianças e seus comportamentos, todas as crianças sem exceções, possuem suas singularidades. Ela é capaz de expressar sua singularidade de uma maneira tão natural, que basta apenas nos atentarmos. Quando nos colocamos neste lugar de proporcionar um olhar sensível, que busca compreendê-las e entendê-las sem julgamentos, nós nos apresentamos como docentes que se preocupam em reconhecer facilidades e dificuldades de cada criança de maneira individual. A tanto a se observar em uma criança, seu modo de falar, de mover, de agir, de tomar decisões, todos esses pontos mostram muito sobre como aquela criança se dispõe sobre o mundo ao seu redor. Ser capaz de observar, é estar mais próximo da escolha de matérias ideais, planejamentos de atividades adequadas e ações pedagógicas que se aproximem das necessidades de aprendizagem de cada criança.

2) Catalisar: o docente catalisador tem como função, despertar o poder intelectual de suas crianças, com o enfoque de fazê-las perceberem-se como sendo indivíduos capazes de analisar, pensar e resolver problemas. Devemos sempre nos preocuparmos em transmitir um bom tom positivo, estimulador e encorajador, demonstrando entusiasmo com a descoberta. A inferioridade intelectual não pode ser um sentimento presente para as crianças. De modo algum elas devem sentirem-se reféns de um docente a quem sempre terão de recorrer em situações problemáticas de seu cotidiano, como em tomada de decisões e afins. Temos como dever transmitir esta segurança singular.

3) Participante ativo: a criança quando brinca, de maneira natural ela pensa e analisa sua realidade, cultura e meio em que se insere, discutindo sobre regras e papéis sociais. Ao brincar a criança entende como conhecer, fazer, conviver e até mesmo ser. Sabemos que a criança desde muito cedo se comunica através de gestos, sons, e posteriormente determinando papéis em suas brincadeiras, fazendo com que ela desenvolva sua criatividade e imaginação. Pode-se afirmar que o Brincar;

é de fundamental importância para a aprendizagem da criança por que é através dela que a criança aprende, gradualmente desenvolve conceitos de relacionamento casuais ou sociais, o poder de discriminar, de fazer julgamentos, de analisar e sintetizar, de imaginar e formular e inventar ou recriar suas próprias brincadeiras”
(SANTIN, 2001, p.523)

Brincar oportuniza o desenvolvimento de capacidades importantes, como a memória, a atenção, a imitação, a autonomia e até mesmo a imaginação e capacidade de criar. São tantos momentos ricos, que até mesmo cinco minutos que se dispõe para brincar e analisar uma criança em seu momento de lazer, muito destas questões já podem ser vistas. Além de poder acompanhar toda esta graciosidade, quando nos sentamos para brincar e adentrar no faz de conta

de uma criança, nos posicionamos como seres afetivos para com elas, já que elas compreendem que estamos dispostos da nossa atenção e interesse naquela situação e naquele momento, acreditamos no valor afetivo que este nosso posicionamento tem para elas. Portanto, se visamos sermos professores sensíveis, que mediam a prática pedagógica por meio da afetividade, precisamos nos preocupar com a disponibilização destas nossas posturas, que a meu ver, para aqueles que amam ser docentes, acontece de maneira leve e natural.

3.3 DIFERENTES FORMAS DE LINGUAGEM: EXPRESSIVAS E COMUNICATIVAS

Como reflexo deste mecanismo escolar construído e percebido como uma ação naturalizada, as crianças acabam por se acostumarem a manter seus corpos inertes por longos espaços de tempo, adaptando-se a estas rotinas e respeitando seu “momento de”. Apesar disto, manifestam sinais, rotineiramente, comprovando que elas carecem por novas vivências que as aproximem de diferentes experiências. Estas necessidades vêm sendo exteriorizadas pelas próprias crianças, tendo como exemplo a frequência de constante pedidos para irem ao banheiro e/ou tomar água mesmo que sem vontade, demonstrando essa carência de se movimentar e de ver movimento.

A linguagem em qualquer uma de suas modalidades é fator essencial nas relações interpessoais e grupais. É por meio da linguagem que comunicamos nossas ideias e pensamentos. Entretanto, quando falamos em linguagem, nosso primeiro instinto nos leva a pensar na verbalização. Quando você possui uma ideia em pensamento, e deseja comunicar esta ideia, certamente você a explica por meio da linguagem verbal. Porém, esta verbalização muitas vezes se concretiza por meio de seu corpo, que vem ser a linguagem corporal.

Em todos os momentos do nosso dia-a-dia, nós utilizamos a comunicação não verbal para nos comunicar. Consciente ou inconscientemente este meio de comunicação que possuímos e que por muitas vezes não exploramos, diz muito sobre o outro e sobre nós mesmos. Isto é linguagem corporal, o compartilhamento mesmo que indireto de nossos gestos, nossas expressões faciais e até mesmo nossa postura comunicam. Em um primeiro momento pode parecer difícil compreender, como uma pessoa pode se comunicar sem usar a fala. Pensemos na seguinte situação, quando estamos reunidos em um grupo de pessoas, e uma dessas pessoas comunica corporalmente o sinal de silêncio, certamente todos deste grupo a entenderão sem que ela precise dizer uma só palavra. O mesmo acontece no nosso dia em inúmeras situações, porém, quase sempre estamos desatentos a este tipo de comunicação, nos concentrando somente naquilo que é verbalizado.

A leitura da linguagem corporal revela informações de como o indivíduo interage frente aos estímulos oriundos do meio em que se encontra, considerando o fato de que os estímulos partem da situação vivenciada pelas pessoas que estão em interação, e que cada participante os interpreta de maneira única. No ambiente escolar, além das singularidades pessoais, há situações harmoniosas, conflituosas, de lazer, em que interesses pessoais podem gerar ansiedade, felicidade, descontentamento, receio, conforto, enfim, um intrincado conjunto de fatores difíceis de se identificar somente por meio da palavra. Em uma ação pedagógica, em que as crianças das mais diversas personalidades trocam informações, é possível identificar, através da linguagem corporal, quem verdadeiramente está entusiasmado com a atividade, ou aborrecido, contrariado, satisfeito ou triste.

Sabemos que a movimentação na vida de uma criança se faz presente desde os seus primeiros dias de vida, já que é por meio de seu corpo que ela estabelece relações com o mundo ao seu redor. A linguagem corporal de uma criança grita, e nós precisamos com urgência aprender a ouvi-las e interpretá-las. Antes da linguagem verbal, todas as emoções e sensações de uma criança são exteriorizadas por meio de seu corpo, temos como dever desenvolver nossa sensibilidade para tal tipo de comunicação, para que possamos tornar nossas relações ainda mais afetuosas. Na visão de Pierre Guiraud em sua obra: *A linguagem do Corpo*, ele escreve que: “imaginamos o mundo segundo o modelo de nosso corpo, e assim formamos um conjunto de conceitos e de palavras a partir das imagens corporais” (GIRAUD, 1991, p. 7). O mesmo ocorre com as crianças que, absorvem os conceitos, símbolos, imagens, gestos e ações, e em algum momento conscientemente ou não ela demonstra o que aprenderam das suas interações.

Desde o seu nascimento a criança recebe, através de suas percepções sensoriais, informações e interações com os grupos sociais, selecionando e absorvendo para sua vida, ações, gestos e códigos. Soares nos diz que, “a inscrição que se move e cada gesto aprendido e internalizado revela trechos da história da sociedade a que pertence”(2006, p. 109) portanto, quando podamos o movimento da criança com um, “sente-se”, “olhe, o seu amigo está sentado e você não”, podamos também sua forma de expressar-se e de comunicar-se, precisamos entender a gravidade disto.

Guiraud (1991) descreve o corpo humano como aquele que nos revela sobre a identidade e personalidade da pessoa, evidenciando a linguagem corporal em duas funções: a descritora e a ação de exprimir. Mas para haver a comunicação e a constituição de um contexto, ideias e propósitos, a linguagem corporal necessita da relação entre os participantes, o emissor e o receptor, no caso deste estudo é o professor e o aluno e suas interações no processo de ensino e aprendizagem na educação infantil. Não cabe ao docente dizer quando a criança deve ou não se

movimentar, é como se estivéssemos limitando o quanto ela pode ou não se comunicar com o outro. E esta relação entre participante e comunidade, não deve ser limitada por meio de um desejo de o que o professor compreende como ordem e disciplina, mas deve ser sim explorada a partir dos desejos e vontades das crianças, já que elas são nosso foco de aprendizagem.

3.4 O CORPO INFANTIL EM MOVIMENTO: A LINGUAGEM DA CRIANÇA

Observando a linguagem corporal como predicado da educação infantil, necessitamos encontrar meios de utilizá-la a nosso favor, de modo que possamos compreendê-la e usufruí-la em sua magnitude, já que o ato de movimentar é o principal modo de expressão na infância.

Segundo Friedmann (2012), por meio das atividades lúdicas, não somente se abre uma porta para o mundo social e para as culturas infantis, como se encontra uma rica possibilidade de incentivar seu desenvolvimento. O autor Friedmann (2012) ainda acrescenta, a educação deveria ter sua preocupação voltada em propiciar a todas as crianças um desenvolvimento integral e dinâmico. E a relevância da comunicação corporal diz muito sobre como nossas práticas pedagógicas chegam até as crianças. Penso que devemos buscar provocar reações corporais dentro de sala de aula, tão significantes para as crianças, quanto as que são reverberadas em seus momentos de lazer, evidenciando o fato de que as ações pedagógicas não devem se contrapor a momentos de ludicidade e ao ato do brincar, acreditando que o ato de se movimentar livremente não necessariamente precise ter um momento único e restrito para acontecer, mas este deve ser explorado em todos os momentos do cotidiano infantil.

Quando colocamos o movimento como enfoque da educação infantil, os estudos sobre a dança podem auxiliar a pedagogia a renovar-se definindo novos princípios para o ensino.

Uma outra Pedagogia [...] uma pedagogia da escuta, uma pedagogia das relações, uma pedagogia da diferença [...] onde além das ciências em que a Pedagogia busca suas bases epistemológicas, também a arte é seu fundamento, garantindo assim a ausência de modelos rígidos preparatórios para a fase seguinte e, além de um cognitivismo característico das pedagogias, também a construção de todas as dimensões humanas e o convívio com a diferença, “sem nenhum caráter” (FARIA e RICHTER, 2009, p 286).

A dança por subsequência, é compreendida como uma grande aliada no que diz respeito a preocupação com o desenvolvimento da criança, buscando valorar toda a evolução deste contexto aproveitando as novas oportunidades educacionais que a nós é oferecido. Considerada uma arte que oportuniza a diversão, a livre expressão e a integração social, podemos por meio do movimento construir unificações de pessoas que respeitam e exploram suas diferenças. Para Nanni (2008, p.1), “a Dança – em sua essência – como manifestação primitiva, era um mergulho

no mundo mágico, onde os movimentos espontâneos surgiram da imaginação...”. A dança nos oferece uma infinidade de oportunidades e campos a serem descobertos, por meio de nosso corpo, órgãos e membros que se integram com sensibilidade e consciência oportunizando sustentação a gestos e movimentos.

A prática passou a ser compreendida como campo de ensino, Batalha e Cruz (2019, p.7) comentam: “*Mas o que ao certo diferenciaria uma dança na escola de outros contextos institucionais?*” Esta é uma questão que pode gerar equívocos, muito já foi problematizado e questionado sobre a dança levar para dentro da escola essa estrutura padronizada e mecanizada de aulas, justamente o que se tem comentado até agora, como necessitando de mudanças no ambiente de escolarização. Esta estrutura padronizada, onde o aluno recebe produtos prontos, decora, reproduz, e tem como objetivo um produto, é denominada na atualidade como sendo uma postura ultrapassada. Anchieta (1995) complementa “não nos importa o movimento pelo movimento, o gesto apenas por objetivos físicos” (ANCHIETA, 1995 p.15). Esta é apresentada aqui como um meio que edifica e contribui para o desenvolvimento de nossos pequenos. Segundo Berge “Trata – se aqui de uma verdadeira reviravolta pedagógica: o professor não mais dá ordens a seus alunos para obter sequências que lhe são impostas do exterior, mas torna – se guia que os orienta para uma descoberta pessoal de suas faculdades”. (BERGE, 1988)

Quando pensada no contexto da educação, a dança deve ser concebida como parte do currículo, seja este humano, afetivo, cognitivo ou social, compreendendo a linguagem corporal como uma das formas de representação do conhecimento.

Segundo Ossoona (1988, p.18), “a dança é uma disciplina que se deve começar quando se é bem pequeno, sobretudo quando os dotes físicos não são excepcionais”, as movimentações das crianças são diversificadas e criativas. E principalmente, elas estão abertas a descobertas e sentem a necessidade de sempre estar aprendendo.

O movimento corporal acontece na inter-relação da pessoa com o mundo, e a dança, busca através de estímulos, proporcionar momentos de criação, apreciação e de troca entre a criança com outros indivíduos, subsidiada pela “*Abordagem Triangular*” de Ana Mae Barbosa (2008). A dança mediada por meio da metodologia criativa aqui se apresenta como interessada em contribuir nos processos que acompanham o crescer da criança, trabalha a partir da construção de saberes e da valorização dos processos, procurando manter o aluno como foco da aprendizagem, sabendo respeitar suas escolhas e oportunizando espaços de fala.

Uma das grandes contribuições da dança para a educação do ser humano, segundo Marques (1999) é educar participantes que sejam capazes de criar pensando e ressignificando o mundo em forma de arte. Entendemos que a criança

[...] é um ser em constante mudança e se utiliza disto para buscar conhecimento de si e de tudo o que está a sua volta. Atividades lúdicas que propiciem uma reflexão acerca da importância do movimento para a educação Infantil é de fundamental importância nas primeiras fases de desenvolvimento, e compreendemos que o caráter lúdico e expressivo das manifestações do movimento da criança poderá ajudar o professor a organizar melhor sua prática, levando em conta as necessidades motoras de cada criança, levando-as a vivenciar experiências, que as ajudem a compreender o mundo que as cercam. (SILVA, 2016, p. 9)

SILVA (2016) compreende que a prática dançante dentro da instituição escolar por vezes ainda é vulnerável no que diz respeito a valoração de produtos finais, e a prática da dança quando conduzida desta maneira acaba que por ser inferiorizada diante do que ela mesma pode oferecer, se resumindo a uma prática de exercício apenas.

[...] entre um ano e meio ou até os seis ou sete anos, mais ou menos, a criança costuma liberar a imaginação, a criatividade e a se comunicar umas com as outras, com partes do corpo e com objetos. Com isso a linguagem e a representação mental começam a fazer parte da vida da criança com maior intensidade, ou seja, a criança começa a fazer e a compreender. (SILVA, 2016, p. 12)

Como já referido, a ação do mover-se se faz presente desde os primeiros sinais de vida de uma criança, e o acesso à diferentes tipos de comunicações, neste caso por meio dos movimentos, oportunizam contribuições ao desenvolvimento delas. A prática dançante quando conduzida de modo a ter como enfoque de sua prática as necessidades das crianças, surge como um campo de experiência auxiliador no desenvolvimento dos pequenos (SILVA, 2016).

4 UMA METODOLOGIA EM DIÁLOGO COM A DANÇA E A INFÂNCIA

Uma pesquisa exploratória tem como objetivo proporcionar familiaridade com um problema, com vista a torná-lo mais explícito, conforme aponta Gil (2002, p.41). Portanto, este estudo é definido como exploratório, e foi construído a partir do permeio entre fontes primárias e secundárias, sendo estas o próprio objeto de estudo: a infância e a dança. Além disto, abordou pesquisadores que tratam estas temáticas de maneira conjunta ou dissipada, dentre eles: Antônio Gramsci, Franco Frabboni, Phellipe Ariés e Manuel Jacinto Sarmiento, os quais abordam a questão da infância num contexto histórico social; Ana Mae Barbosa, Elaine Lima, Isabel Marques, Maria Saraiva, Rudolf Laban, e Sandra Regina Simonis Richter que relacionam a arte, a educação e a criança em suas pesquisas, entre outros.

Teve-se o intuito de produzir uma pesquisa qualitativa que, segundo Denzin e Lincoln (2006), envolve uma abordagem interpretativa do mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem.

A pesquisa em questão se dispôs de entrevistas e questionários realizados com três professoras de uma mesma instituição de educação infantil privada, sendo estas: Participante A com formação em psicopedagogia trabalhando na instituição a quinze anos; Participante B formada em pedagogia trabalhando na instituição a nove anos; Participante C também formada em pedagogia, atuando na instituição a 5 anos. Os instrumentos de pesquisas foram materializados a partir de questões que envolvem a postura docente no meio educacional infantil, e indagações referente a como estas docentes compreendem a relação da dança como campo de ensino, visando descobrir as facilidades e dificuldades encontradas neste processo norteador do desenvolvimento educacional das crianças pequenas e entender de que modo a linguagem corporal destas crianças é levada em consideração quando compreendida de modo a se relacionar com a maneira em que aprende coisas novas. As respostas foram obtidas de maneira individual, com o enfoque voltado para uma coleta de dados que não fossem influenciados pelas respostas umas das outras, de modo que as semelhanças que poderiam ocorrer dentre estas respostas, acontecessem de maneira ocasional. As entrevistas e os questionários aplicados possuíam cinco questões, onde o questionário disponibilizado para as professoras continha interrogações semiestruturadas, de modo a oportunizar flexibilidade para a realização de alterações, como complementar/retirar e argumentar tais questões.

As questões, discursivas e múltipla escolha, respondidas pelas docentes foram:

1- Em sua concepção, o que significa dança?

Diferentes ritmos e modalidades ()

Reprodução de movimentos ()

Expressão corporal ()

Linguagem corpórea ()

Outros ()

2- Nas suas práticas pedagógicas a dança se faz presente?

Sim () Não ()

3 - Você costuma conversar sobre consciência corporal com as crianças da sua turma?

Sim () Não ()

4 - Você costuma considerar a linguagem corporal das crianças como um dos meios de comunicação entre vocês?

Sim () Não ()

5 - Você considera as práticas educacionais dançantes oferecidas para as crianças na instituição em que você trabalha como sendo importantes?

Sim () Não ()

6 - Na sua opinião, existem contribuições que a prática da dança pode oferecer para o desenvolvimento das crianças?

Sim () Não ()

1- Como você compreende o papel do educador na educação infantil? Deve este construir conhecimentos com seus educandos ou basear-se na transmissão de conhecimentos para?

2- Você considera importante a ação do reinventar-se enquanto docente, ou aposta na eficácia de posturas pré-existentes, métodos tradicionais?

3- Quão significativo você considera a construção de laços afetivos entre docente e discente nesta primeira infância?

4- Na sua opinião, quais são os principais desafios que um docente enfrenta no âmbito educacional infantil?

5- Para você, o que significa ser professor hoje?

A utilização da arte – dança – compreendida como área de conhecimento que cria, questiona, investiga, explora, problematiza e compreende questões educacionais, faz com que a metodologia utilizada se aproprie dos métodos contidos na PEBA. Esta perspectiva metodológica conhecida como Pesquisa Educacional Baseada em Arte, conforme aponta CARVALHO e IMMIANOVSKY (2017)

configura-se como uma metodologia específica para a pesquisa em educação que deriva da Pesquisa Baseada nas Artes (PBA) ou Investigación Baseada em las Artes (IBA)⁸. A IBA e as perspectivas que dela derivam vinculam investigação e arte a partir de uma dupla relação. (CARVALHO e IMMIANOVSKY, 2017, p. 225)

Ao que tudo indica, o foco central da perspectiva mencionada acima, se efetua a partir do uso e da aplicação da arte em seu procedimento pesquisador, objetivando que por meio da utilização da linguagem artística, possa-se abordar a expansão da “percepção sobre eventos educacionais e permitir novos entendimentos sobre o que pode contribuir em melhorias nas políticas educacionais e práticas educativas.” (CARVALHO e IMMIANOVSKY, 2017)

Utilizou-se de uma PEBA para que se pudesse buscar a subjetividade que envolve a docência e suas formas de ver o seu contexto. Compreendemos que as docentes participantes desta pesquisa não são profissionais da área da Dança, especificamente, mas que sua forma de compreender a importância da Dança no cotidiano escolar influencia o modo como as crianças se relacionam com a linguagem. Entendemos que um olhar subjetivo sobre as respostas nos oportunizaria compreender a relação entre ensino e formação sensível.

Fator importante a se observar é o envolvimento da pesquisadora com o objeto investigado, por se tratar de uma profissional em formação, entendemos que a PEBA oportuniza discutir o lugar do professor, pesquisador e artista, neste sentido, o envolvimento da pesquisadora no contexto repercute em olhar aproximado com o seu trabalho e sua docência.

Buscou-se traduzir resultados em conceitos e ideias, visando conectá-los com as pesquisas bibliográficas utilizadas, tendo a valorização do processo como enfoque de toda a pesquisa, pretendendo contribuir de alguma maneira com aqueles que se familiarizam com o tema dança e infância e com a educação num contexto geral.

5 O OLHAR DOCENTE SOBRE A DANÇA: A ANÁLISE DE DADOS

As informações coletas efetuaram-se na Escola de Educação Infantil Mundo Feliz, localizada na cidade de Gaspar no estado de Santa Catarina, no qual as professoras entrevistadas lecionam turmas com alunos entre 0 e 6 anos de idade. Como já aferido na metodologia desta pesquisa, optou-se pela realização de entrevistas e aplicação de questionário para a captação de materiais, fatos, conceitos, noções e aspectos das docentes entrevistadas, das quais irei me referir como participantes A, B e C. As coletas cumpriram-se no período noturno entre os dias 22/03 a 26/03 do ano de 2021.

Além de entrevistas, os instrumentos utilizados para esta coleta de dados, incluem observações sistemáticas participante, que conforme nos aponta Beuren et al (2003, p.128-129) trata-se de um método de examinar os fatos investigados de forma detalhada, individual e participante na vida real, uma vez que foi realizada apenas por um pesquisador, através de vivências. Tais observações perduraram dos dias 01/03 a 31/05. Tendo como complemento, pesquisas bibliográficas que também contribuíram para que esta coleta se edificasse, de modo a possibilitar

[...] não só resolver os problemas já conhecidos, mas também explorar novas áreas onde os problemas ainda não se cristalizaram suficientemente. Assim, a pesquisa bibliográfica propicia a investigação de determinado assunto sob ou novo enfoque ou abordagem. (MARCONI, LAKATOS, 2002)

Compreendo esta coleta de dados como sendo uma atividade que visa captar conteúdos importantes gerado pela pesquisadora, sites e público em atividades de interação. Tornando-se um utensílio fundamental para realização de análises de comportamento e preferências, o que permitiu desenvolver eficácia nesta pesquisa.

5.1 A VOZ DO EDUCADOR INFANTIL EM PROCESSO DE ANÁLISE

Na prática diária do educador infantil, mediante aos desafios que a estes são propiciados, independentemente do grau de sua formação, este professor, consciente ou inconscientemente, movido a partir de diferentes tipos de saberes, e não somente o saber adquirido e especializado na universidade. Podendo ser estes mobilizados a partir de experiências vivenciadas enquanto a realidade da qual esse professor foi/está inserido. Experiências como o de quando se foi aluno,

filho, alusões ao que se conhece sobre como ser um professor e suas relações com os alunos. Todos estes e outros, são manifestados quando um professor se encontra diante de desafios.

O cuidado deve estar voltado para a não replicação de questões de senso comum, posturas tradicionais já ultrapassadas e vícios acumulados por décadas, “[...] insistir no paradigma tradicional de ensino pode representar um risco muito grande para um mundo que clama por criatividade e inovação” (ARRUDA; PORTAL, 2012, p. 6). Orientadoras educacionais e/ou supervisoras da secretaria da educação necessitam se manter atentas no que se refere a oportunizar um novo olhar educacional rotineiro, de modo que a postura docente não se prive a um único modelo a ser seguido. Visto que se sabe, que este trabalho também se afere ao professor, que precisa não se satisfazer com posturas cômodas, tendo de buscar inovações constantes, objetivando suprir as necessidades educacionais contidas a situações singulares. “Reformar nosso pensamento é reformar também a prática pedagógica” (BORDENAVE; PEREIRA, 1989 apud ARRUDA; PORTAL, 2012, p. 3).

Ilustração 01 – Questões das entrevistas



FONTE: acervo da autora

Os participantes A, B e C quando questionados sobre, “*Considerar importante a ação do reinventar-se enquanto docente, ou apostar na eficácia de posturas pré-existentes, métodos tradicionais?*” respondem

O caminhar de educadores e educadoras é um constante evoluir. Repensar, replanejar e reinventar-se. Manter práticas que se mostram qualificadas e buscar alternativas para as que se mostrarem negativas. Essa evolução está ligada ao olhar, a escuta das demandas dos educandos e educandas. Evoluir a partir do que as crianças nos trazem. (Participante A)

Fazendo alusão ao que diz Paulo Freire sobre a educação ser libertadora, temos de compreender que nossos alunos e alunas necessitam edificar seus saberes com prazer e responsabilidade. E diante dos desafios da atualidade, é de fácil percepção entender que o professor não pode mais continuar como detentor do conhecimento e mero mediador. O docente precisa ocupar o seu lugar de destaque, estar motivado e ser um motivador, Oliveira e Alves (2005) referem-se à motivação como uma energia, uma força interna que impulsiona os indivíduos a realizarem algo.

O presente século exige mudanças de atitudes, para Arruda e Portal (2012), a mudança de paradigma educacional depende de educadores maduros, curiosos e abertos que saibam refletir e dialogar. Jean-Jacques Rousseau citado em Mussen, Conger & Kagan (1977, p. 5) acreditava “que a criança está dotada de um senso moral inato.” Esta encontra-se em contínua evolução, completamente diferente de um adulto. Ela não deve ser tratada como um ser que não entende nada, mas como alguém que está iniciando seu caminho no conhecimento de mundo.

O participante B comenta,

Devemos como docente nos atualizar e reinventar constantemente, pois quanto mais novidades trouxermos para a sala de aula, mais interessantes nossas aulas se tornarão, despertando o real interesse das crianças. Os métodos tradicionais já não são mais eficazes, mesmo quando ainda sejam usados até hoje este formato, porém, não sou 100% contra a determinados métodos, pensando que determinadas crianças possam aprender desta forma. Devemos estar atentos ao que é melhor para os nossos alunos.

Se compreendemos a existência das individualidades e singularidades, aceitamos o fato de que estas não podem ser abordadas de uma mesma maneira, mas que devem ser levadas em consideração a partir do contexto de cada situação, de modo a nos moldarmos a estas, visando atender suas necessidades. Aceitando este fator, podemos compreender a resposta que foi oferecida pelo participante B ao expressar que posturas e métodos tradicionais podem funcionar para algumas pessoas.

Alguns autores argumentam que o método tradicional pode ser complementado com outros métodos de ensino para maior eficácia (WEINTRAUB; HAWLITSCHKE; JOÃO, 2011; OLIVEIRA et al., 2012), porém, não basta somente incluir um novo método para aprimorar o aprendizado dos discentes. Os docentes por sua vez, tem como responsabilidade, avaliar constantemente os resultados alcançados a partir de tais mudanças, com o intuito de identificação da existência de lacunas que possam necessitar de ajustes, para melhor o aprendizado do aluno (OLIVEIRA et al., 2012).

Já o participante C, propõe compreender ser

fundamental o educando se dar a oportunidade de sempre evoluir e reinventar-se. Buscar novos métodos de aprendizagem, para que possamos atender todos os educandos da melhor forma. Até porque nem sempre o um método de ensino que deu certo para um educando dará para outro, precisamos sempre estar buscando novas formas e planejamentos.

Conforme argumenta o participante citado acima, a necessidade de levar em consideração a individualidade de cada discente, reverbera na escolha de métodos de ensino que o professor abordara com seus alunos. Quando estas singularidades são levadas em consideração a partir de um contato mais próximo com cada discente, pode-se entender mais detalhadamente quais as necessidades de cada aluno, identificando aonde este estudante pode chegar e quais estratégias metodológicas podem ajudar nas resoluções de problemas que podem surgir neste processo, oportunizando maior participação ativa do aluno na construção de seu conhecimento.

Os métodos pedagógicos construídos nas instituições escolares, pretendem ensinar os alunos a aprender autonomamente. Porém, não vemos tais métodos como podendo gerar o suficiente aprendizado autônomo do aluno.

A indagação seguinte se refere a como estas professoras *compreendem o papel do educador na educação infantil? Deve este construir conhecimentos com seus educandos ou basear-se na transmissão de conhecimentos para?* O participante A relata,

Na educação infantil e penso que nas demais etapas da educação, o conhecimento precisa ser construído com educandas e educandos. A mera transmissão de conhecimento como base da educação não deu certo, a atual situação em que se encontra a sociedade é a prova disso.

A educação está diretamente relacionada a nossa sociedade; sabemos que ela é um fenômeno social, sendo pertencente ao contexto político, econômico, científico e cultural. Portanto, a educação não é a mesma em todos os tempos e todos os lugares. (SCHAFRANSKI, 2005) O mundo muda a cada instante, e a educação não teria capacidade de acompanhar este processo atribuindo saberes necessários as necessidades educacionais, estando estagnada num mesmo método. O docente, portanto, se encontra em um posicionamento onde torna-se responsável em oportunizar momentos de escuta, buscando exercer os desejos das crianças que muitas vezes são falados por meio de seus silêncios, seus olhares, suas ações ou inércias. Esse é um exercício que deve ser praticado constantemente, buscando aguçar a sensibilidade do professor para a descoberta de um diálogo entre adultos e crianças que se dispõe a uma relação de respeito e alteridade.

O participante B entende que,

O educador não deve apenas ser o transmissor de conhecimento, mas valorizar o que a criança trás para sala de aula, mesmo na educação infantil, eles têm uma bagagem rica de curiosidade, de cultura e devemos ouvi-los. Partindo do interesse das crianças o conhecimento terá mais significado e valor.

O filósofo italiano GRAMSCI (1991) entende a criança não como sendo uma “*tabula rasa*” ou um “*recipiente vazio*” disponível para “*despejo de saberes*” como afirma o filósofo John Lock. Para GRAMSCI (1991) um ser desde o instante que nasce, constrói seu conhecimento do mundo. Deste modo se passarmos a enxergar a criança como um ser social como a teoria educacional os cita, não podemos dissipá-los das relações sociais a quem pertencem, ignorando suas concepções, seus valores a respeito de si e dos outros. O seu ser “*individual*” é também produto da “*coação*”. Neste sentido sua personalidade deve ser desenvolvida como produto de uma relação dialética entre o singular e o geral.

Sobre a mesma questão o participante C observa:

Acredito que seja fundamental a construção e o compartilhamento de conhecimentos entre educador e educando. Em uma simples proposta pedagógica muito se pode ser acrescentado pelo discente se houver abertura para que ele possa se expressar e compartilhar o que deseja. O adulto por vezes desacredita que a criança possa ter capacidade de criar sem uma instrução superior. Eu discordo! Eles são extremamente capacitados para tomarem decisões, exercer liderança e compartilhar ideias, só lhes falta espaço para que possam praticar autonomia. (participante C)

Por muitas vezes as crianças continuam sendo enxergadas como quem não tem nada para oferecer enquanto sendo crianças, hipervalorizando a ação de preocupar-se somente com o que elas virão a se tornar quando crescer. Entretanto, compreende-se que a potencialidade da criança deve ser edificada em suas integralidades e especificidades, porém, isto só se torna possível de ocorrer quando quem se encontra neste papel docente consegue compreender a sua função enquanto sendo um educador infantil e não um disciplinador escolar. Este deve buscar atender as necessidades das crianças, sabendo respeitar seus momentos, compreendendo seus interesses e sabendo dissipá-los dos interesses docentes que por vezes podem não ser os mesmos. O desenvolvimento autônomo presente no discurso e na teoria de quem trabalha com criança, deve estar efetivo em prática, não exclusivo apenas em questões específicas, mas desenvolvido em momentos do cotidiano. De acordo com SARMENTO (1997, p. 13) e PINTO, frequentemente

as crianças são importantes e sem importância; espera-se delas que se comportem como crianças, mas são criticadas nas suas infantilidades, é suposto que brinquem absorvidamente quando se diz para brincarem, mas não se compreendem porque não pensam em parar de brincar quando se lhes diz para parar; espera-se que sejam dependentes quando os adultos preferem a dependência, mas deseja-se que tenham um comportamento autônomo; deseja-se que pensem por si próprias, mas são criticadas pelas suas ‘soluções’ originais para os problemas. (SARMENTO E PINTO, 1997, p. 13).

Como desenvolver a autonomia da criança, sendo que quem ordena sobre o que fazer, como fazer e por quanto tempo é o adulto? Como tornar alguém independente se não as oportunizam deixar de serem dependentes? A escola deveria ser um lugar onde a criança se sente à vontade para explorar, descobrir, construir, e não um lugar onde ela entenda que se fizer algo do qual o professor não ordenou terá como resposta uma repreensão. Este lugar de superioridade, este relacionamento vertical, é uma postura tão ultrapassada, que se torna quase inadmissível encontrar um docente que se sinta confortável ao realizar estes posicionamentos. Para Libâneo (2005), é fundamental perguntar: que tipo de reflexão o professor precisa para alterar sua prática, pois para ele

A reflexão sobre a prática não resolve tudo, a experiência refletida não resolve tudo. São necessárias estratégias, procedimentos, modos de fazer, além de uma sólida cultura geral, que ajudam a melhor realizar o trabalho e melhorar a capacidade reflexiva sobre o que e como mudar (LIBÂNEO, 2005, p. 76)

Compreende-se que pensar sobre a formação de professores, é admitir que o docente nunca finalizou suas concepções educacionais, no sentido de que os estudos teóricos e as pesquisas continuadas são fundamentais. É através de constantes estudos e fundamentações teóricas que o professor pode compreender o seu papel, a sua postura, identificando-a como qualificada para aquele momento e aquela situação ou não. Reconhecer mudanças necessárias e aprimoramentos essenciais. É por intermédio desses instrumentos que os professores têm condições de analisar criticamente os contextos históricos, sociais, culturais e organizacionais, nos quais ocorrem as atividades docentes, podendo assim intervir na própria realidade e transformá-la. A escola de educação infantil tem como papel primordial, oferecer para a criança um lugar seguro e acolhedor; um lugar onde a criança goste de estar e que neste espaço sinta vontade de progredir e se desenvolver.

Com o intuito de descobrir ainda mais sobre as relações entre docentes e discentes, as professoras foram questionadas sobre o “*Quão significativo você considera a construção de laços afetivos entre docente e discente nesta primeira infância?*” O participante A responde

A educação infantil é afeto. É colinho, é abraço e acalento. Não existe possibilidade de educar sem afeto. A afetividade é fundamental na construção e fortalecimento de conexões neuronais. Fortalece o desenvolvimento cognitivo, motor e emocional. Uma sociedade mais justa se faz com afeto.

Muito do que se reflete no desempenho escolar das crianças, diz respeito a como acontece a inter-relação entre elas e seus professores. O efeito da afetividade no processo de ensino e aprendizagem deve estar presente nas preocupações do docente, já que é por meio da

mesma que uma postura docente horizontal se efetiva na prática. Compreende-se que a afetividade como sendo um elemento fundamental, capaz de interferir na progressão dos desenvolvimentos educacionais das crianças. O participante C comenta que:

“É fundamental o afeto na educação. Pois torna possível transmitirmos segurança e confiança para as crianças, e assim podemos construir laços afetivos fortalecendo o desenvolvimento cognitivo e emocional delas.”

De que modo uma instituição de educação infantil será capaz de oferecer um lugar seguro e acolhedor, se a postura docente que a acompanha é enrijecida?

De acordo com DANTAS

“A afetividade não é apenas uma das dimensões da pessoa: ela é também uma fase do desenvolvimento, a mais arcaica. O ser humano foi, logo que saiu da vida puramente orgânica, um ser afetivo. A afetividade diferenciou-se, lentamente, a vida racional. Portanto, no início da vida, afetividade e inteligência estão sincreticamente misturadas, com o predomínio da primeira.” (DANTAS, 1992, p. 90)

Já de acordo com Relvas (2009), Wallon considera a pessoa como sendo um todo. Movimento, emoção, afetividade e espaço físico; Estes se encontram num mesmo plano. O desenvolvimento é cognitivo, emocional e motor.

O participante B comenta que

“Os laços afetivos são extremamente importantes, pois entendo este como sendo um meio facilitador de transmitir segurança para as crianças. Quando elas se sentem seguras e amadas no ambiente em que mais passam parte do tempo, logo aprendem muito mais, seus interesses e curiosidades são mais instigados.”

Além de todas as questões citadas acima sobre a afetividade, estar na educação infantil, aparece como um meio facilitador também no que diz respeito a construção de um ambiente acolhedor, agradável e harmonioso. Este ambiente é quem convida em conjunto com o professor, a criança a se achegar, a explorar, a criar. Oportunizar acolhimento é conseguir envolver a criança e encantá-la, e estas ações só se tornam possíveis quando efetivadas por meio do afeto.

Compreende-se que são muitos os desafios enfrentados por educadores infantis. Este professor que atua como agente transformador, encontra-se em um lugar de extrema responsabilidade, das quais exigem muita dedicação e ânsia por estudos, já que se trata de um lugar onde o comodismo não é bem-vindo. Dentre todas as perspectivas refletidas no decorrer dos textos citados anteriormente, a questão sobre “quais são os principais desafios que um docente enfrenta no âmbito educacional infantil?”, surgiu a fala do participante A, que comenta:

“Soltar-se das amarras imposta pela educação tradicional. Deixar a lógica higienista, hospitalar e desenvolver uma educação infantil libertadora. Essa luta tem mais de 70 anos e continua fundamental. O que nos mostra o quanto abandonar a educação castradora do século XIX é difícil. Mas com perseverança venceremos.”

Mesmo diante de tamanhas mudanças das quais os campos educacionais vêm enfrentando, percebe-se que estas devem ser constantes. Por muitos anos o professor foi colocado em um lugar do qual ele era o único portador de todo o conhecimento, ditador da verdade, sendo esta compreendida como absoluta. Métodos tradicionais que surgiram no século XIX ainda possuem raízes que perduram até a atualidade. Compreende-se que é um lugar que exige mudanças, e tais mudanças só acontecem por meio da força de vontade e perseverança. Sair do centro, para se posicionar horizontalmente. Compreender que esta verdade que anteriormente era concebida como única, na verdade é subjetiva. CAPRA (1998) comenta que “A Física do século XX mostra-nos convincentemente que não existe verdade absoluta” (p. 53). Entender que este lugar frio, cru e ditador não cabe mais a nossa realidade.

Compreender estes fatores, e entender que essa necessidade por mudanças existe, já é um passo de extrema importância, pois o docente se coloca em lugar que não nega a realidade e as necessidades tangíveis. É possível perceber que esta não é uma tarefa fácil da qual pode ser modificada do dia para noite, mas é possível. O mundo em que a educação se encontra na atualidade, possui inúmeras ferramentas que facilitam este processo de evolução e modificação e a educação atual, é agraciada por inúmeros profissionais que lutam junto por um mesmo objetivo. Portanto, o professor deve se colocar em um posicionamento do qual compreende esta luta, e embarca junto neste esforço que visa tornar o processo de ensino e aprendizagem emancipador, autônomo e libertador.

O participante B, complementa com a fala

“de um modo geral, as pessoas deveriam dar mais valor para o educador infantil, pois a maioria ainda pensa que apenas trocamos fraldas e/ou alimentamos, descartando o trabalho incrível que realizamos com as crianças desde a turma do berçário” (Participante B)

Muitos educadores infantis possuem esta mesma sensação desmotivadora mencionada pelo participante acima. Este sentimento pode ocasionar na insatisfação do docente que tanto almejou esta profissão. Essa insatisfação prejudica não somente o professor, mas implica de forma direta nas metodologias de aulas deste docente, que precisa a todo momento provar que seu trabalho é qualificado e merece ser respeitado. Fora aqueles que passam a desacreditar do próprio trabalho, fazendo com que o aprendizado de suas crianças regreda, por falta de incentivo. A educação é uma via de mão dupla, uma sociedade não pode se constituir sem educação, e a educação não sobrevive sem a sociedade. Deste modo, acredita-se que esta maior

valorização deveria ocorrer por meio do conhecimento de tamanhos os esforços praticados rotineiramente pelos docentes.

Esta desvalorização que perdura com o passar dos anos, possui características específicas. Segundo Santo (2015) além da desvalorização social, o tipo mais comum de desvalorização docente, é a econômica, colocando o professor em uma situação vulnerável, que á de implicar diretamente no ensino

Baixos salários impedem o desenvolvimento do profissional e o obriga a duplas jornadas ou empregos, dificulta o acesso às novas tecnologias de educação e para a educação, desqualifica a profissão precarizando o profissional, impingindo assim, a estagnação na carreira. (SANTOS, 2015, p. 351)

Contudo, a desvalorização social está intrinsecamente ligada a desvalorização econômica, que oportuniza o entendimento da qualificação de outras profissões como sendo muito superiores a ação docente. O trabalho pedagógico realizado por um educador infantil exige inúmeros esforços como se pode ver nos assuntos discutidos anteriormente. A sociedade enxergar o educador infantil como sendo apenas um cuidador, descartando todas as ações pedagógicas que são desenvolvidas a partir das necessidades singulares de cada criança, fazer isso, é desacreditar em todas as lutas que vem sendo sustentas por tanto tempo que visam melhorar a sociedade. A docência infantil surge como um fator de extrema importância para o mundo, pois é ali, naquele espaço educacional e com estes profissionais, que as crianças começam a se reconhecer como cidadãos de direitos, como pessoas que podem e devem agir criticamente, desenvolvendo autonomia e construindo conhecimentos. Conforme confirma o participante C em sua colocação quando diz, *“Movemos mares e rios para oferecer uma educação de qualidade com enfoque na aprendizagem de nossas crianças.”*

Como questionamento final, os participantes foram estimulados a compartilhar o que para eles *“significa ser professor hoje?”*. O participante A comenta

“ser professor e professora ainda mais o sentido de mediador do conhecimento, é ser capaz de possibilitar, a partir da educação a construção de uma sociedade mais justa, de seres humanos mais afetivos e de resgatar a confiança na ciência e de luta contra os negacionismos.”

O trabalho e a presença no professor na atualidade, é muito fértil e indispensável. Não somente no espaço escolar e nas paredes que constituem uma escola, mas no que diz respeito a sociedade. O professor é um indivíduo que busca pensar coletivamente, somente este tem a capacidade de unir vários tipos de pensamentos, com o enfoque voltado a construção do senso crítico, percepção de indivíduos, construção de altruísmo, e assim sucessivamente. O professor é aquele que mesmo mediante a tamanhos desafios, como a falta de apoio social, a

desvalorização econômica, entre outras questões, permanece ali, dia a pós dia, dedicando sua vida a educação, acreditando que esta é capaz de mudar o mundo, construindo uma sociedade com seres mais justos, empáticos, sensíveis, que saibam exercer seu papel de cidadãos críticos, aprendendo a tomar decisões, a exercer liderança, possuindo autonomia e independência. O participante B argumenta que *“Ser professor é ser resistência”*.

Ser docente significa encarar a realidade e não medir esforços para atender as demandas e necessidades contidas na juventude social. Ser professor, como comenta o participante C *“é poder trocar experiências, trocar afetos, acompanhar o crescimento e desenvolvimento de nossos alunos e saber que estávamos juntos nessa caminhada.”* Para ser um professor, não basta apenas a formação adquirida em uma universidade, ser professor significa ser valente e persistente, e acreditar que a sociedade pode melhorar através da educação.

5.2 COMO A DANÇA É COMPREENDIDA A PARTIR DAS PROFESSORAS ENTREVISTADAS

Como observado nos capítulos anteriores, sabe-se que o movimento está presente na vida de uma criança desde os seus primeiros minutos de vida. Desde o momento em que esta criança se encontra no ventre de sua mãe, ela se move e se descobre por meio dos movimentos. Desde um piscar de olhos a um mover mínimo dos dedos, o cérebro da criança manda estímulos para que os músculos possam se movimentar, e por meio disto a linguagem corporal passa a se comunicar com seu exterior. Portanto, toda ação humana envolve atividade corporal.

A dança no âmbito educacional infantil, se apresenta como um meio artístico que possibilita a expressão, a diversão e a integração social. Para Nanni (2008, p. 1), *“a Dança – em sua essência – como manifestação primitiva, era um mergulho no mundo mágico, onde os movimentos espontâneos surgiram da imaginação...”*. A educação infantil possui uma característica muito específica no que diz respeito a explorar, não existem barreiras para a exploração, tudo é novo, tudo é descoberto. Existem uma infinidade de possibilidades contidas neste primeiro contato da criança com a educação, e a dança, aqui se apresenta como campo de ensino, capaz de contribuir de maneira significativa no desenvolvimento das crianças.

O coreógrafo, pesquisador e bailarino Rudolf Laban (1990) relata que, os movimentos do ser humano na dança, se expressam na riqueza de gestos que são reproduzidos no cotidiano. Neste sentido, a dança passa a ser compreendida não como uma limitação e decodificações específicas de movimentos, dos quais necessitam serem decorados e reproduzidos. Em sua essência, a dança não sobrevive de superficialidades, mas se distingue por suas subjetividades e distintas possibilidades.

Portanto, a dança pensada no contexto educacional infantil, é concebida como parte do conhecimento que a criança traz consigo, e a partir disto, destas singularidades e especificidades, que estímulos são oportunizados para que a criança vivencie experiências que envolvam a exploração, a criação, a descoberta e o reconhecimento, pois é por meio das relações entre corpo e movimento, que uma afinidade mais significativa entre a criança e o seu próprio corpo surge.

LIMA e SARAIVA (2012), comentam que a experiência

[...] não é somente o acúmulo de anos vividos, de compromissos e problemas resolvidos [...] a experiência é mais do que isso, pois experimentar algo é viver em plenitude, seja em curto ou em longo espaço de tempo, visto que existem valores que não se prestam à experiência. [...] Por meio do bombardeio de informações diárias, somos levados a ter somente vivências que partem de algo externo a nós mesmos. Nossas experiências na vida moderna efetuam-se fora de nós mesmos, visto que nossas referências se baseiam, geralmente, sobre o que as pessoas dizem, pensam e determinam para nós. (LIMA E SARAIVA, 2012 p.3)

É possível assentir com esta afirmação, se analisadas as condições que contextuam o dia a dia da criança. Sabe-se que a função da escola é oportunizar momentos de vivenciar novas experiências, mas de fato, muitas vezes estas experiências estão atreladas a algo externo, no qual quem diz quem, como e por quanto tempo “experienciar” é o adulto. Dificilmente é disponibilizado a criança a autonomia de explorar a si mesmo enquanto fonte inesgotável de descoberta. A dança emerge de um mundo próprio, único e singular na região do imaginário, do encantamento, do êxtase e do prazer, Huizinga (1993).

Para que se pudesse discutir a relação entre a Dança e o espaço da Educação Infantil foi atribuído as docentes questões específicas da relação entre aprendizado do corpo e o ensino, as questões foram respondidas conforme segue:

Ilustração 02 – Respostas ao Questionário

COLETA DE DADOS - QUESTIONÁRIO
Acadêmica: Sandy Silveira
Orientadora: Caroline Carvalho

Respostas: SUJEITO A

Em sua concepção, o que significa dança?
Diferentes ritmos e modalidades (X)
Reprodução de movimentos (X)
Expressão corporal (X)
Linguagem corpórea (X)
Outros ()

Você considera as práticas educacionais dançantes oferecidas para as crianças na instituição em que você trabalha como sendo importantes?
Sim (X) Não ()

Você costuma conversar sobre consciência corporal com as crianças da sua turma?
Sim (X) Não ()

Nas suas práticas pedagógicas a dança se faz presente?
Sim (X) Não ()

Você costuma considerar a linguagem corporal das crianças como um dos meios de comunicação entre vocês?
Sim (X) Não ()

Na sua opinião, existem contribuições que a prática da dança pode oferecer para o desenvolvimento das crianças?
Sim (X) Não ()

FONTE: acervo da autora

Os participantes que responderam a este questionário, receberam a indagação de o que para eles, “*significa dança?*”. O participante A assinalou as seguintes opções: Diferentes ritmos e modalidades - Reprodução de movimentos - Expressão corporal - Linguagem corpórea. Já os participantes B e C, descartaram a questão que mencionava a reprodução de movimentos.

As metodologias utilizadas nas práticas pedagógicas dançantes abordam movimentos repetitivos sim. Por mais contraditório que possa parecer, a repetição é capaz de abordar aspectos específicos do desenvolvimento infantil. Sem sombra de dúvidas, as práticas que abordam a reprodução de movimentos, possuem objetivos específicos como almejados. De maneira alguma, a reprodução aqui poderá se apresentar como um meio tecnicista. Isto exige um grande esforço profissional, já que esta prática de repetição não pode surgir de maneira vaga, mas sim, de modo muito bem contextualizado.

Nesta ocasião será exemplificado a partir de observações participativas a prática dançante para o berçário I, esta turma em específico abrange crianças de 0 á 1 ano. Nesta situação, fala-se de bebês que ainda não sustentam o próprio corpo sem auxílio de um adulto, ao mesmo tempo em que outros vivenciam os primeiros passos. Nesta fase em especial, a repetição de movimentos surge como uma ferramenta capaz de auxiliar no desenvolvimento destas crianças. Quando a professora põe estímulos musicais que fazem associações a se colocar em uma posição onde suas mãos escondam o seu rosto por exemplo, por instantes as crianças podem achar engraço, diferente e até estranho. Mas na aula seguinte, quando a professora repete esta mesma movimentação de esconder o rosto com suas mãos, de maneira gradativa, as crianças já serão capazes de associar as próprias mãos e buscar esconder o próprio rosto ou o

rosto do outro, buscando imitar esta movimentação. Este é um momento de descoberta. Com uma situação extremamente exemplificada como esta, já se pode compreender a importância do ato da repetição de movimentos para as crianças. Este simples exercício, faz com que os membros e músculos das crianças comportem estes novos movimentos em suas memórias corporais. O ato de repetir é defendido pelo fato de visar objetivos específicos como, reconhecer partes do corpo, desenvolver habilidades motoras, trabalhar a atenção e realizar a imitação. Portanto, a ação de reproduzir movimentos, quando pensada de modo a atender as necessidades das crianças, pode ser oferecida pela prática dançante como um meio contribuinte do desenvolvimento infantil.

Os participantes também foram questionados sobre: “*Em suas práticas pedagógicas a dança se faz presente?*”. Os participantes A, B e C assinalaram a alternativa afirmativa, confirmando a utilização da dança em suas aulas.

Esta resposta revela muito sobre como estes participantes conduzem suas práticas pedagógicas. Oportunizar a familiarização da criança com a música e com os movimentos, significa oferecer acesso a arte, a cultura, a oportunizar também a experimentação, exploração e compreensão de significados culturais presentes no seu meio e, conseqüentemente, elaborar e/ou ressignificar o seu pensamento. Sendo isto por meio da observação dos movimentos de outra criança, ou do grande grupo e até mesmo da professora. Essa aproximação com a liberdade de expressão, de poder dialogar com o próprio corpo e interagir com o outro, significa soltar-se das amarras impostas no século XIX, onde ensinar significava disciplinar e generalizar, tornando todos similares, sem abertura para singularidades. E aqui se prioriza o diferente, o ser único, o ser criativo e individual.

Le Boulch (1981) argumenta que a educação psicomotora deve ser considerada uma educação essencial no ramo infantil. O autor complementa que,

(...) ela condiciona todos os aprendizados pré-escolares e escolares; leva a criança a tomar consciência de seu corpo, da lateralidade, a situar-se no espaço, a dominar o tempo, a adquirir habilmente a coordenação de seus gestos e movimentos. A educação psicomotora deve ser praticada desde a mais tenra idade; conduzida com perseverança, permite prevenir inadaptações, difíceis de corrigir quando estruturadas. (apud Almeida 2006, Le Boulch, 1981, p.27).

É praticamente inimaginável, pensar em desenvolvimento infantil e não o atrelar ao movimento. A vida é movimento, é impossível se desassociar disto.

Como indagação seguinte, os participantes receberam a seguinte questão, “*Você costuma conversar sobre consciência corporal com as crianças da sua turma?*”. Todos os participantes responderam afirmativamente, o que resulta em uma sensação de conforto

obviamente. A consciência corporal não é uma capacidade inata, mas sim desenvolvida nas relações entre indivíduo e ambiente. Para Melo (1997), o termo consciência corporal engloba todas as relações do participante com o mundo, unindo a imagem corporal e o esquema corporal, que segundo ele, ocorrem simultaneamente no desenvolvimento da criança.

É nos primeiros anos de vida de uma criança, conhece seu próprio corpo, e o professor por sua vez tem como missão oportunizar estímulos que ofereçam a identificação dos membros deste corpo, a compreensão sobre quais movimentos esse corpo é capaz de realizar, a identificação do tamanho desse corpo, a percepção de seus limites, e a exploração de possibilidades. Segundo Rosa & Nisio (2002), o estímulo da consciência corporal torna o corpo da criança como um ponto de referência básico para a aprendizagem de todos os conceitos indispensáveis à alfabetização, como noções de lateralidade e espacialidade, permitindo assim o equilíbrio corporal e o domínio de seus impulsos motores.

Mattos & Neira (1999), indicam práticas pedagógicas que propiciem à criança o conhecimento da nomenclatura, identificação, localização e conhecimento das diferentes partes do corpo em si e no outro; exploração das diferentes posições do corpo, como de pé, deitada, decúbito dorsal, ventral ou lateral, sentada, invertida, inclinada, etc.; o

A consciência corporal pode ser desenvolvida nos mínimos detalhes, desde desenhos em partes específicas do corpo como pequenos símbolos em membros isolados (mão/pé/braço/perna). Como oportunizar que a criança entre dentro de caixas, para perceber que tamanho o seu corpo possui. Estes simples estímulos fazem com que a atenção das crianças se volte para si mesmos, de modo com que ela passe a identificar aquela parte do corpo e identificá-la como pertencente a si, aprendendo sua nomenclatura, sua função motora, e suas capacidades físicas. É com passos de formiga que se constrói um formigueiro. Por meio de pequenos estímulos o docente é capaz de fornecer um desenvolvimento sadio, lúdico e significativo na vida das crianças. E a consciência corporal é uma ferramenta essencial.

A questão seguinte dizia, “*Você costuma considerar a linguagem corporal das crianças como um dos meios de comunicação entre vocês?*” os três participantes responderam positivamente. Esta questão diz muito sobre como os participantes se colocam como ouvintes para as crianças. Graciosamente todas afirmam prestar atenção nestes detalhes, o que significa que a comunicação entre estes vai para além da oralidade.

Conseguir compreender quando a criança se sente desconfortável, irritada, cansada, ou entusiasmada e animada, todos estes fatores estão diretamente ligados a maneira com que o ensino chega nestas crianças. Forçar uma aprendizagem, como já visto anteriormente, é uma postura ultrapassada, das quais os professores necessitam lutar para não a fazer, de modo que

oportunizando esta comunicação sensível, e empática, fornece para a criança um ensino de qualidade onde suas vontades são levadas em consideração. Trata-se de mais um dos deveres dos quais o professor precisa se atentar, desenvolver maior sensibilidade para o que diz respeito a interpretação da comunicação não verbal com suas crianças.

Como última indagação, os participantes responderam à pergunta: *“Na sua opinião, existem contribuições que a prática da dança pode oferecer para o desenvolvimento das crianças?”*, todos os participantes, A, B e C responderam de maneira afirmativa. Acreditar na potencialidade da dança, é acreditar que a vida está diretamente atrelada ao movimento. É crer que o ser humano foi criado para se movimentar. Todas as partes que constituem um corpo humano saudável, são perfeitamente planejadas para se desenvolverem por meio do movimento. O cérebro encontra-se em perfeita harmonia com os neurônios que estão sempre atentos às informações que são concebidas de maneira externa. O interno do corpo humano pode ser comparado a um universo, do qual se transmuta e evolui a cada instante.

Acreditar na eficiência da prática dançante é conscientizar-se sobre a importância de manter um diálogo que se dispõe da afinidade e sensibilidade com o próprio corpo e com o corpo do outro. O corpo humano é composto por uma infinidade de curiosidades e possibilidades, das quais só podem serem exploradas por meio de uma aproximação e disponibilização de uma escuta. E esta escuta se desenvolve por meio de métodos dos quais a consciência se aproxima da corporeidade, de modo que ambas tornam-se um só, e por meio deste elo, a relação entre o indivíduo e suas concepções sobre seu corpo, tornam-se mais íntimas e particulares, pois se dispõem de experiências e vivências que são extremamente individuais. Dançar é expressar-se, é criar, recriar, experimentar, explorar, descobrir e evoluir. Dançar é se ouvir!

MARQUES (2003), afirma que a prática dançante, permite uma leitura e uma releitura diferenciada de nós mesmo e do outro. Através do corpo que se move, que dança, é possível estabelecer relações com a sonoridade, com o campo visual e com a oralidade que cercam o cotidiano humano. Deste modo, a dança cumpre um papel importante na educação do indivíduo enquanto cidadão crítico e transformador.

É possível assentir com o fato de que o fazer pedagógico da dança se mostra eficaz para o desenvolvimento das crianças. Portanto, por meio desta prática que se apresenta como ferramenta contribuinte, é possível atender necessidades específicas e singulares das crianças pequenas. Acreditando que a mudança que se visa no âmbito educacional depende também do esforço do docente em encontrar métodos que facilitem este processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos estudos realizados, percebeu-se que a educação infantil se apresenta como sendo um processo que se encontra em constante evolução, sendo mutável, maleável e adepta as necessidades específicas da realidade em que se encontra. Quando compreendida a questão de que esta deve acompanhar a mudanças do mundo, compreende-se também que as posturas daqueles que pertencem ao campo educacional devem se esforçar para acompanhar essas mudanças, de modo a buscarem oferecer os melhores métodos de ensino e aprendizagem possível, visando suprir as especificidades dos discentes, os entendendo como indivíduos singulares e particulares. Ao passo em que se acompanhou a edificação da valorização de infância no capítulo 1 desta investigação, foi possível aferir que esta só se concretizou por meio de muitas lutas e perseverança, portanto, compreende-se este movimento como sendo de extrema importância, já que se não fosse por meio deste, as crianças continuariam sendo vistas como comenta ARIÉS (1973, p. 10): “animaizinhos, macaquinhos impudicos” dos quais eram tratados com negligência, pois sobre os adultos recaia a ordem de não “apego emocional”.

Diante de tais informações, foi possível compreender e refletir sobre a existência de inúmeros desafios que acompanham a infância em seu processo educativo, deste modo, visou-se apresentar a dança educacional e sua linguagem, como sendo um meio favorecedor do processo de ensino e aprendizagem das crianças. Apresentando ideias a cerca da importância que a linguagem não verbal apresenta na realidade infantil, de modo a compreendê-la como um meio de comunicação edificador das relações entre docente e discente.

Através das análises realizadas por meio das captações de dados aqui apresentadas, foi permitido a efetuação de em diálogo com as bibliografias utilizadas, de maneira a contextualizar e fundamentar as questões que surgiram, fazendo um diálogo entre, pesquisa, teoria e prática cotidiana. Encontrando métodos capazes de edificar e auxiliar a prática docente infantil, tendo como foco o maior e mais sadio desenvolvimento das crianças. Foi oportunizado analisar e repensar metodologias docentes, de maneira a compartilhar fatos que validam que o pensamento que permeou gerações das quais eram ensinadas por meio de uma visão estereotipada, na qual a criança era apenas mais uma pertencente a um grande grupo que era abordado através de uma padronização, como sendo um modo de pensar ultrapassado.

As investigações realizadas contribuíam inclusive, para a descoberta de métodos de ensino que abordam a arte de maneira direta com o processo da construção de conhecimentos, de maneira contextualizada demonstrando eficiência em seu desenvolvimento de execução. Como visto, a Pesquisa Educacional Baseada em Arte – PEBA - objetiva relacionar o processo

de ensino e aprendizagem interligando com o ensino da arte, de modo a disponibilizar a compreensão da eficácia que a linguagem artística tem em sua capacidade de dialogar com teorias e práticas que valoram os processos.

A partir dos diálogos, costuras e relações oferecidos por esta pesquisa, acredita-se ter se alcançado as questões objetivadas em seu início. Os referenciais teóricos quando em contato direto com as experiências práticas oportunizam reflexões acerca da postura docente e as práticas pedagógicas do outro, e também a própria, de modo a disponibilizar a oportunidade de crescimentos e ressignificações.

O docente na maior parte das vezes, se encontra em uma posição de fala, mas, poucas vezes tem a oportunidade de compartilhar sobre seus desafios enfrentados nessa posição. Portanto, buscou-se oportunizar momentos de uma escuta afetiva para com eles, na qual procurou-se contribuir na resolução de problemas específicos enfrentados por estes. Contudo, espera-se que esta investigação possa contribuir de alguma maneira com aqueles que se preocupam com um fazer educacional empático, afetivo e humano.

REFERÊNCIAS

ARIES, Phellipe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Paris: Editions Du Seuil, 1973. 279 p.

ARRUDA, Marina Patrício; PORTAL, Leda Lísia Franciosi. **Saberes e fazeres docentes: o dilema da reforma do pensamento e da prática pedagógica do educador do século XXI**. PerCursos, vol. 13, N. 1, 2012.

BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Ensino da arte: memória e história**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

BATISTA Rosa. **A rotina no dia-a-dia da creche: entre o proposto e o vivido**. Florianópolis, SC. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Santa Catarina, 1998.

BEUREN, Ilse Maria. **Como elaborar trabalhos: teoria e prática**. 2º ed. São Paulo: Atlas, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**: Brasília: MEC / SEF, 1998. v. 1 e 2.

CARVALHO, Carla; IMMIAOVSKY, Charles. **PEBA: A ARTE E A PESQUISA EM EDUCAÇÃO**. Arte, [s. l.], 13 nov. 2017.

CAPRA, F. **O Ponto de Mutação**. São Paulo: Cultrix, 1986.

DANTAS, Heloysa. **A afetividade e a construção do participante na psicogenética de Wallon**. In LA TAILLE, Yves de. Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. Yves de La Taille, Marta Kohl de Oliveira, Heloysa Dantas. São Paulo: Summus, 1992.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna. **A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa**. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna (orgs). Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. 2 ed. Porto Alegre: ARTMED, 2006.

GRAMSCI, Antônio. **Concepção dialética da história**. 9ª ed. Rio Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 176 p. Disponível em: https://ava3.furb.br/pluginfile.php/545995/mod_resource/content/3/Como_elaborar_projetos_de_pesquisa_-_Antonio_Carlos_Gil.pdf. Acesso em: 5 nov. 2020.

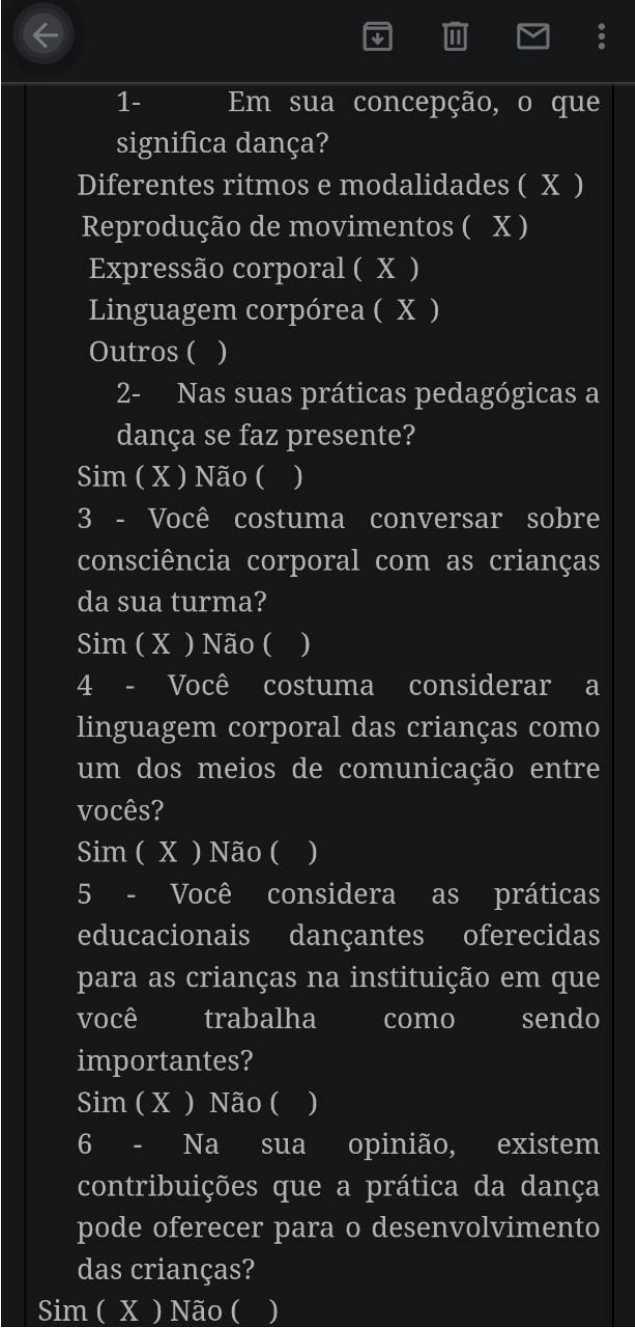
HUIZINGA, J. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 1993.

- LABAN, Rudolf von. **Dança Educativa Moderna**. SP: Ícone, 1990.
- LE BOULCH, Jean. **O desenvolvimento psicomotor do nascimento até 6 anos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982
- LIMA, Elaine; SARAIVA, Maria. Que dança faz dançar a criança?: Ampliando as experiências na infância por meio da dança. **Currículo e infância.**, [s. l.], 13 fev. 2012.
- LIBANEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2008.
- FRIEDMANN. **A importância do brincar. Jornal diário na escola**: Santo André/SP, 2003.
- GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999
- MATTOS, Mauro Gomes de e NEIRA, Marcos Garcia. **O papel do movimento na Educação Infantil**. IN NICOLAU, Marieta Lúcia Machado e DIAS, Marina Célia Moraes (org.) Oficinas de Sonho e Realidade na Formação do Educador da Infância. Campinas, SP: Papyrus, 2003.
- MELO, R.Z. **Educação Física na escola**: conteúdos adequados ao 2o grau. Rio Claro: UNESP, Monografia de Graduação, Instituto de Biociências, Departamento de Educação Física, 1995.
- MUSSEN; CONGER e KAGAN. **Desenvolvimento da personalidade da criança**. São Paulo: Editora Harper, 1977.
- NANNI, Dionisia. **Dança educação: pré escola à universidade**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2008.
- RELVAS, Marta. **Fundamentos Biológicos da Educação: Despertando inteligências e afetividades no processo de aprendizagem**. 4.ed: Rio de Janeiro
- RICHTER, Sandra Regina S. **Apontamentos pedagógicos sobre o papel da arte na educação da pequena infância: como a pedagogia da educação infantil encontra-se com a arte?** In: Small Size Paper. (Org.). Experiencing art in early years-learning and development processes and artistic language. Bologna: Edizioni Pendragon, 2009. p. 103-125.
- ROSA, Adriana; NISIO, Joseane di. **Atividades lúdicas – sua importância na alfabetização**. Curitiba: Juruá, 1998.
- SANTOS, Vera Lúcia Bertoni dos. **Promovendo o Desenvolvimento Do Faz-De-Conta na Educação Infantil**. In: CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis E. Educação
- SANTIN, Silvino, Educação física: **Da alegria do lúdico à opressão de rendimento**. Porto Alegre: 2001.
- SCHAFRANSKI, M. D. **A educação e as transformações da sociedade**. Publicatio ciências humanas, ciências sociais aplicadas, lingüística, letras e artes. Universidade

Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 13 (2) 101-112, dez. 2005.

PINTO, M.; SARMENTO, M.J. (coords.) **As crianças: contextos e identidades**. Braga: Universidade do Minho, 1997.

PROENÇA, Maria Alice de Rezende. **A rotina como âncora do cotidiano na Educação Infantil**. Revista Pátio Educação Infantil, Porto Alegre, n. 4, p.13-15, 04 abr. 2004.

APÊNDICE A – RESPOSTAS DAS PROFESSORAS AO QUESTIONÁRIO

1- Em sua concepção, o que significa dança?
Diferentes ritmos e modalidades (X)
Reprodução de movimentos (X)
Expressão corporal (X)
Linguagem corpórea (X)
Outros ()

2- Nas suas práticas pedagógicas a dança se faz presente?
Sim (X) Não ()

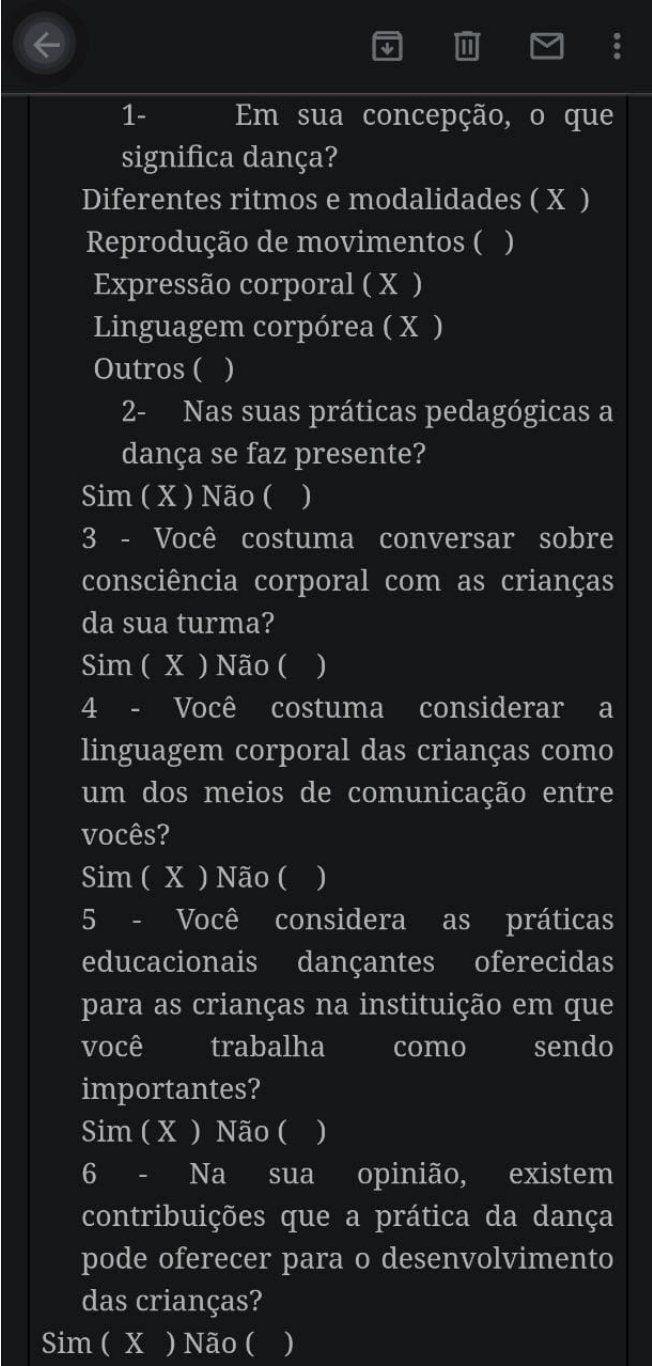
3 - Você costuma conversar sobre consciência corporal com as crianças da sua turma?
Sim (X) Não ()

4 - Você costuma considerar a linguagem corporal das crianças como um dos meios de comunicação entre vocês?
Sim (X) Não ()

5 - Você considera as práticas educacionais dançantes oferecidas para as crianças na instituição em que você trabalha como sendo importantes?
Sim (X) Não ()

6 - Na sua opinião, existem contribuições que a prática da dança pode oferecer para o desenvolvimento das crianças?
Sim (X) Não ()

(Respostas obtidas via e-mail – Participante A)



1- Em sua concepção, o que significa dança?
Diferentes ritmos e modalidades (X)
Reprodução de movimentos ()
Expressão corporal (X)
Linguagem corpórea (X)
Outros ()

2- Nas suas práticas pedagógicas a dança se faz presente?
Sim (X) Não ()

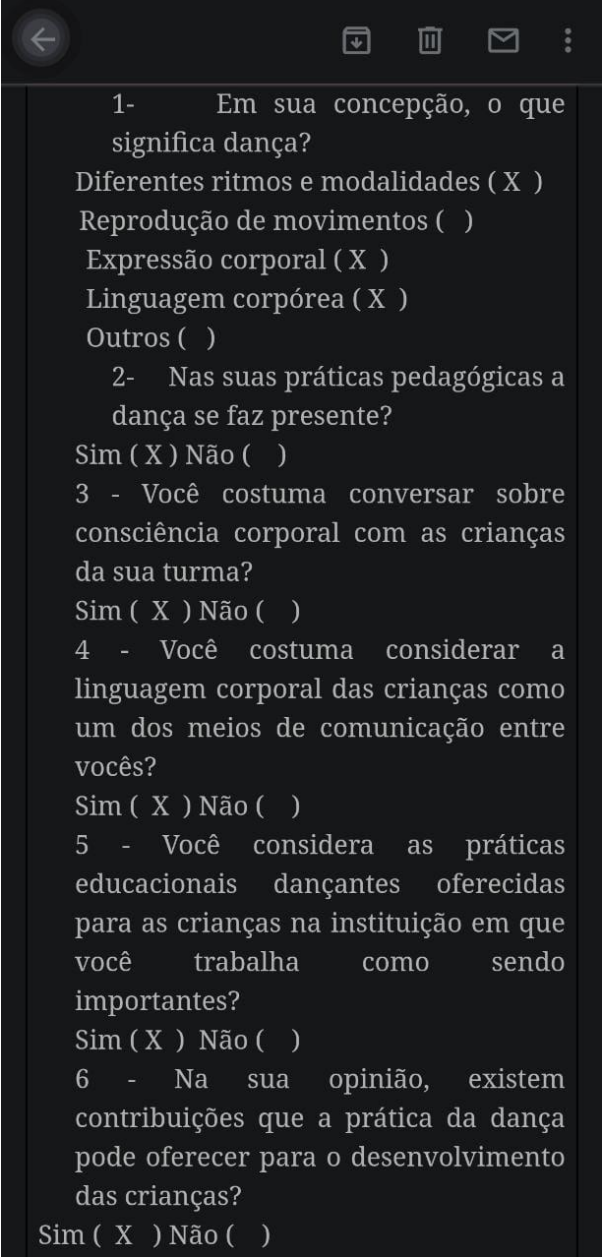
3 - Você costuma conversar sobre consciência corporal com as crianças da sua turma?
Sim (X) Não ()

4 - Você costuma considerar a linguagem corporal das crianças como um dos meios de comunicação entre vocês?
Sim (X) Não ()

5 - Você considera as práticas educacionais dançantes oferecidas para as crianças na instituição em que você trabalha como sendo importantes?
Sim (X) Não ()

6 - Na sua opinião, existem contribuições que a prática da dança pode oferecer para o desenvolvimento das crianças?
Sim (X) Não ()

(Respostas obtidas via e-mail – Participante B)



1- Em sua concepção, o que significa dança?
Diferentes ritmos e modalidades (X)
Reprodução de movimentos ()
Expressão corporal (X)
Linguagem corpórea (X)
Outros ()

2- Nas suas práticas pedagógicas a dança se faz presente?
Sim (X) Não ()

3 - Você costuma conversar sobre consciência corporal com as crianças da sua turma?
Sim (X) Não ()

4 - Você costuma considerar a linguagem corporal das crianças como um dos meios de comunicação entre vocês?
Sim (X) Não ()

5 - Você considera as práticas educacionais dançantes oferecidas para as crianças na instituição em que você trabalha como sendo importantes?
Sim (X) Não ()

6 - Na sua opinião, existem contribuições que a prática da dança pode oferecer para o desenvolvimento das crianças?
Sim (X) Não ()

(Respostas obtidas via e-mail – Participante C)